



Book de Joshua II, 150



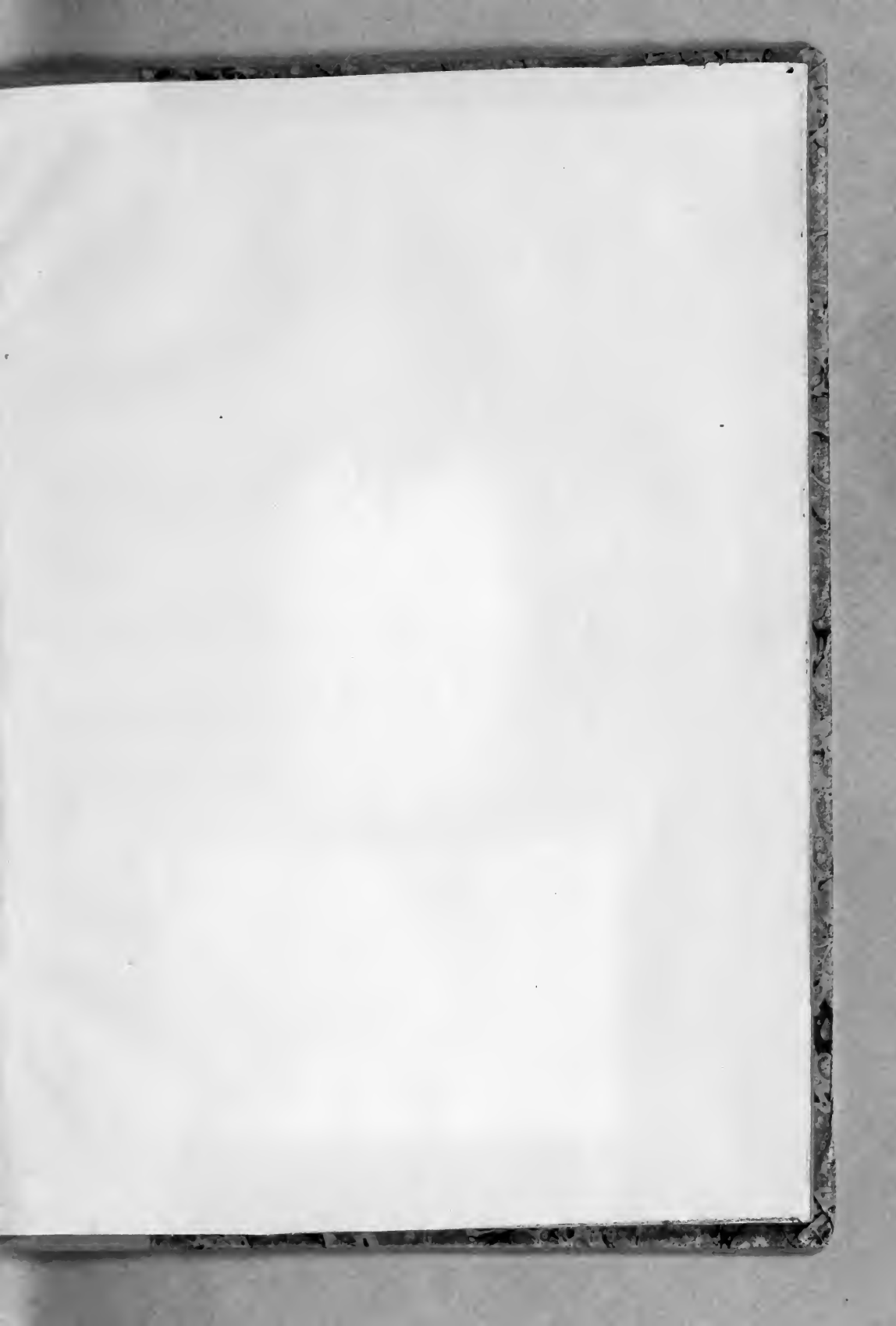
John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library

Brown University

Purchased from the

Louisa D. Sharpe Metcalf Fund





140/6
S E R M A Õ

N A S

E X E Q U I A S

DELREY FIDELISSIMO

D. J O A Õ V.

Que o Senado da Camera da Cidade do Rio de Janeiro
fez celebrar, na Sé da mesma Cidade, em 12 de
Fevereiro de 1751.

O F F E R E C I D O

A O ILL^{MO} E E X^{MO} SENHOR

G O M E S F R E I R E
D E A N D R A D E,

DO CONSELHO DE S. Magestade Fidelissima,
Sargento mór de Batalhas dos seus Exercitos, Governador, e Capitão General das Capitanias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes.

P R E ' G A D O P E L O P. M. D.

Fr. M A T T H E U S D A I N C A R N A Ç A M

P I N N A,

*MONGE DE S. BENTO DA PROVINCIA DO BRASIL, JUBILADO
na Sagrada Theologia.*

L I S B O A:

Na Officina de I G N A C I O R O D R I G U E S.

A N N O M D C C L I I.

Com as licenças necessarias.

STERMA

RA

EXFOLIAS

THEATRI

DIOAV

THEATRI

ON

THEATRI

GOMESTRI

DE ANDRADE

THEATRI

THEATRI

THEATRI

THEATRI

THEATRI

THEATRI

THEATRI

THEATRI

THEATRI

THEATRI

RECEB

AO ILL^{mo}. E EX^{mo}. SENHOR
GOMES FREIRE
DE ANDRADE,

Do Conselho de S. Magestade Fidelissima, Sar-
gento mór de Batalhas dos seus Exercitos,
Governador, e Capitão General das Capi-
tanias do Rio de Janeiro, e Minas
Geraes.

ILL^{mo}. E EX^{mo}. SENHOR.



OFFERECEMOS a Vossa
*Excellencia, para ser lida, a mesma Ora-
ção, que já cuido nas Solemnes Exequias,*
ccm

com que esta Cidade do Rio de Janeiro deo as devidas mostras da sua pena, quando a ella chegou a noticia de ser fallecido El-Rey Fidelissimo D. Joaõ V. de immortal memoria para os seus vassallos.

Nessa occasião, quanto mais se applicavaõ as attençoens ao que referia o Orador; tanto mais testemunhavaõ os olhos o que passava nos coraçoens dos ouvintes, penetrados do sentimento: sendo V. Excellencia o que menos podia dissimular o impeto natural, em que se davaõ a conhecer o amor, e fidelidade, com que sempre servio a tão digno Monarcha. Nem seria decoroso que em V. Excellencia alguma vez se encobrissem estas esclarecidas prerogativas, que, por serem proprias em todos os seus Ascendentes, parecem hereditarias do seu primeiro, e sempre Illustre Progenitor Gomes Freire de Andrade, Mestre da Ordem de Christo: cuja fidelidade, e amor para com El-Rey D. Joaõ I. se admira na Historia de seu Reinado: e parece que renasceo em V. Excellencia, pois com o mesmo nome lhe corresponde inteiramente, no Reinado do Fidelissimo Rey D. Joaõ V.

Nobiliarch.de
Villas-boas
impressa em
Lisb. an. de
1676.

Europ. Por-
tug. tom. 2, na
Vida del Rey
D. Joaõ I.

A toda a Nação Portugueza, necessariamente

furiantemente sentida pela morte de Sua Magestade Fidelissima, applicava o Orador a consolação, de se achar em todo substituida a sua falta com o nosso Fidelissimo Rey D. Jozé I., no qual com admiração, e respeito já vemos que resplandecem as mesmas virtudes, com que se ornava o Rey, que lhe cedeo a Coroa, e largou o Ceptro. Porém a este novo Monarcha, tão Pio, como Prudente, devem as Capitanias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes a especial consolação de nos conservar no Governo dellas a V. Excellencia, que sempre fez quanto pode, por imitar as virtudes do Soberano, em cujo lugar estava; como se pertendera representar nas acçoens ao mesmo, de quem era imagem na jurisdicção com que obrava.

As virtudes da Religião, e Piedade são em V. Excellencia tão notorias, como antigas em sua Esclarecida Familia: cujo braço se illustra com as letras purissimas da AVE MARIA, que tambem são caracteres, em que se eterniza a Religião, e Piedade de certos Cavalleiros da mesma Fa-
*Villas-boas
citado.*
milia, que expondo as vidas a todo o risco por honra da Mãe Santissima de Deos, tirarão aos Mouros de Hespanha hum Estan-
darte,

darte, que elles havião ganhado aos Cavalleiros da Religião Templaria, no qual estava escrita aquella Saudação Angelica. Nella tinhaõ os Templarios a esperança de seus triunfos; e tiveraõ depois os Mouros o emprego de seus ludibrios. Porẽm os valorosos Freires (de Andrade, ou Andrada, Villa do Reino de Galliza, onde tem o seu Solar) restaurado o mesmo Estandarte, exaltaraõ nelle o mais heroico Trofêo da sua Piedade, e Religião. Por mais que, em obsequio de sua modestia, observemos não trazer á memoria de V. Excellencia as frequentes acçoens, em que huma e outra virtude se nos mostraõ; quem poderá conseguir que as não publique o Mosteiro, que nesta Cidade se edifica, para Religiosas de S. Thereza, á custa do Zelo, Piedade, e Religião de V. Excellencia? Só nestas virtudes pôde estar o erario, ou thesouro de que emanaõ as despesas, com que Vossa Excellencia tem contribuido para esta obra tão agradavel a Deos.

Das mais virtudes moraes, que deve ter hum perfeito Governador, não se duvida que esteja V. Excellencia egregiamente ornado; pois dellas nenhum de seus
Ascen-

Ascendentes careceo. Nem a natureza nella parte se limitaria com V. Excellencia, quando he liberal dos mesmos dotes até com aquellas Familias, que se aparentaraõ com a de Vossa Excellencia. As mais Illustres Casas de Portugal na de Vossa Excellencia escolheraõ Esposas, para com igual nobreza continuarem as suas descendencias.

D. Fernando de Menezes, Senhor da antiquissima Casa de Cantanhede, casou com

D. Brites Freire de Andrade, filha de Ruy Freire de Andrade, Commendador de Palmella, e de Arruda. Deste Matrimonio nasceraõ D. João de Menezes, de quem descendem os Condes de Cantanhede: e D. Fernando de Menezes, do qual descendem os Condes da Ericeira. Na Casa de Villa-

Real houve o mesmo acerto de escolha; porque D. Fernando de Menezes, II. Marquez de Villa-Real, casou com D. Maria Freire de Andrade, filha de João Freire de Andrade, que era Senhor de Alcoutim, de cujo Matrimonio procederaõ os Duques de Caminha, e Marquezes de Villa Real, que acabaraõ em o VIII. Marquez deste Titulo. Da mesma sorte, D. Pedro de Sousa, II. Conde do Prado, casou com Dona

Anton. de
Carval. da Co
sta Corograf.
Portug. tom. I.
l. I. trat. 6. cap.
10.

L. 2. trat. 4.
cap. I.

L. I. trat. 3.
cap. II.

Violante Henriques, filha de Simão Freire de Andrade, Senher de Bobadella, cuja donataria por muitos annos se conservou na Casa de V. Excellencia, e tiverão deste Matrimonio a D. Francisco de Sousa, III. Conde do Prado, e I. Marquez das Minas.

Destas Illustrissimas Casas, aqui mencionadas, tem sahido Vice-Reys, Generaes, Prezidentes, e Conselheiros, tão raramente ornados de todas as virtudes politicas, que nem na sua mesma fama se comprehendem. Dos que da propria Familia dos Freires de Andrade sahiraõ para os mesmos empregos, tambem fizemos memoria, se a de tantos Varoens Ilustres não carecera de Historia muy diffuza.

*Os ramos daõ a conhecer a grandeza, e qualidade do tronco. A Arvore dos Freires de Andrade mostra em tão grandiosos ramos a qualidade de seu tronco. As heroicas virtudes, em que florecem os que de sua raiz procedem, são as folhas de que se veste, e os fructos com que se enriquece esta Arvore, tão alta, como estendida. Porém o ramo, que se vê mais bem vestido destas folhas, e mais carregado destes fructos, diremos que he V. Excellencia, e por esta
razaõ*

razaõ tambem ramo, em que a raiz; e tronco mais empregáraõ a fertilidade de suas innatas virtudes, para o publico bem das Capitánias de sua jurisdicção. Deos guarde a V. Excellencia, como lhe dezejaõ, e rogaõ

O Juiz de Fóra, Vereadores, e mais
Officiaes da Camera do Rio de Janeiro.

There is a great deal of
work to be done in the
state of New York, and
it is to be hoped that the
people will be able to
do it.

There is a great deal of
work to be done in the
state of New York, and
it is to be hoped that the
people will be able to
do it.

L I C E N Ç A S.

D A O R D E M.

O Doutor Fr. Joaõ Baptista Jubilado em Theologia, e D. Abbade da Congregação de S. Bento neste Reyno de Portugal, e Provincia do Brasil, e Senhor Donatario dos Coutos de Tibaães, Mendo, e Estella, e no de Tibaens Capitaõ Môr, Caudel Môr, Ouvidor &c. Pela prezente damos licença ao M. R. P. M. Fr. Mattheus da Incarnação Pinna, Ex-Provincial da nossa Provincia de S. Bento do Brasil, para poder imprimir o Sermaõ, de que trata a Petição, visto estar nos termos do Sagrado Concilio Tridentino, como nos seguraõ os dous Padres Meftres, a quem o mandámos rever. Dada neste nosso Mosteiro de Tibaens debaixo de nosso final, e sello, e refrendada pelo nosso Secretario a 2. de Outubro de 1751.

*O P. Fr. Joaõ Baptista;
Geral.*

Por mandado de sua Reverendissima
Fr. Manoel da Assumpção,
Secretario.

APPRO:

APPROVAC, AM DO M. R. P. M.

Fr. Manoel de S. Luiz.

REVERENDISSIMO PADRE NOSSO.

JA me tinha chegado á noticia este Sermaõ, que nas Exequias do Fidelissimo Rey D. Joaõ V. de faudosa memoria recitou na Sé do Rio de Janeiro o M. R. P. M. D. Fr. Mattheus da Incarnação Pinna; e como as excellentes Obras de hum taõ insinge Heróe, e singular Orador a todos se fazem apreciaveis pela sua grande, e notoria erudição, era infaciavel o desejo, que tinha de me utilizar della na lição desta presente, ja que não tive a fortuna de a beber na própria, e viva fonte. Agora porém chegou o tempo, em que fica cabalmente saciado o meu gosto, quando Vossa Reverendissima me manda veja o dito Sermaõ, e lhe dê sobre elle o meu parecer. Errado seria este, se não fosse de que he digno de se estampar em laminas de ouro, para que, collocadas no templo de Minerva, possaõ servir (com grande utilidade) á posteridade de melhor exemplar dos mais elevados conceitos, com que o seu Author naturalissimamente collige os sentimentos de Portugal na perda de hum tal Monarcha; dos que justamente suppoem em Roma, ainda por mayor, e mais sensivel motivo: pois este Magnifico Rey, com summa liberalidade, e grandeza parece quiz esgotar todos os thezouros, só para enriquecer aquella Ecclesiastica Monarchia. Tambem servirá de grande utilidade á Republica literaria a larga, e individual noticia do memoravel, e feliz successo das Armas Portuguezas na famoza Ilha de Corfú, em que o Author, não attendendo ao proprio trabalho, se empenhou em escrevê-la neste Sermaõ com tanta miudeza,

deza ; que chegou a copiar huma extensa Carta do Papa Clemente XI. sem que faltasse ao menor apice, só para não faltar ao superabundante. Em fim, he tão excellente esta Obra em todo o sentido, que bem se lhe póde dar o titulo de Archivo singular de toda a erudição, e eloquencia, em que o Tullio dos nossos Seculos, o M. R. P. M. D. Fr. Mattheus da Incarnação Pinna, credito, e honra da nossa Sagrada Religião, depositou a policia, e gravidade de Lucio Claro, o sincero do dizer de Cayo Lato, o sentenciozo de Lizia, a elegancia de Platao, o magestoso estylo de Gorgia, a eloquencia de Cineas, e a universalidade de Carmeades; e bastava só vir escrito neste Sermao o nome do seu Author, conhecido no mundo por grande em letras, e virtudes, para que sem mais diligencia se julgasse esta Obra sumamente douda, izenta de toda a suspeição na Fé, e bons costumes, e dignissima de se dar á estampa não só huma, mas mil vezes. Este o meu parecer, Vossa Reverendissima ordenará o que for servido. Lisboa no Collegio de N. Senhora da Estrella de Novembro 17. de 1751.

Fr. Manoel de S. Luiz.

APPRO:

*APPROVAC,AM DO M. R. P. M.
Fr. Jozé de S. Miguel.*

REVERENDISSIMO PADRE NOSSO,

O Sermaõ, que, nas Exequias do sempre Augusto, e Fidelissimo Rey o Senhor D. Joaõ V. de glorioza memoria, prégou na Cidade do Rio de Janeyro o M. R. P. M. D. Fr. Mattheus da Incarnação Pinna, Jubilado em Theologia, e Ex-Provincial da Provincia do Brasil, he o mais elegante parto do seu fertil, e fecundo entendimento.

Muitos faõ os fructos, com que este famozo homem, douto, e eloquente Orador tem continuado os creditos, que em todo o genero de erudição reconhecem o seu berço em os filhos do nosso Santo Patriarcha: mas entre esses fructos, com que o Padre Mestre Fr. Mattheus da Incarnação Pinna, ja na Obra que fez em defensa da Auctoridade da Igreja contra os Janfenistas inimigos seus declarados, ja em os diversos tomos de Sermoens, em que, unindo a gravidade propria de hum sagrado Orador, e a solida exposiçãõ das Escripturas segundo a intelligencia dos Santos Padres, com os preceitos da profana eloquencia, illustrou o Orbe literario; he este Sermaõ o parto mais copioso, eloquente, e em que esgotou o profundo mar de sua vasta erudição o seu Auctor.

Neste producto de seu elevado engenho encontrarão os Curiosos da Historia a Chronica mais fiel das memoraveis acçoens do defunto Monarcha, com a individuação dos successos, e mais ajustada Epoca dos annos, em que succederaõ. Os amantes
das

das Escripturas Sagradas , nelle tem a genuina intelligencia dos Textos , e as regras , que se devem observar para que os Sermoens Funebres , que nos Templos se recitaõ , não degenerem em Academicas , profanas , e pueris oraçoens , as quaes com escandalo dos prudentes , injuria da Nação , desprezo do Sagrado , e contra o parecer dos Doutos , tem introduzido a moda mais abominavel em os pulpitos. E finalmente, os que se inclinaõ ás virtudes moraes só necessitaõ de lerem este Sermaõ, em que o Padre Mestre soube retratar com as mais vivas cores a Obediencia , a Paz , a Justiça , a Magnificencia , e Liberalidade do Senhor , e sempre memorando Rey D. Joaõ V.

Justamente se pôde disputar qual foy mais perfeito , se o Monarcha , que Roma lamenta defuncto , em praticar as virtudes ; se este grande Orador em as copiar ? O certo he que se o Senhor D. Joaõ V. na obediencia á Igreja , na fórma dos costumes , no zelo da observancia , e culto Divino , na justiça , que administrou a seus vassallos ; na paz , que conservou com os Principes Estrangeiros , e na magnificencia , e liberalidade , com que augmentou o patrimonio de S. Pedro , sustentou o Estado Ecclesiastico , e enriqueceo Roma , se fez modelo dos mais Soberanos em quanto vivo ; não pôde com tudo invejar como Alexandre a Ulysses o seu Homéro ; porque este seu Orador discorrendo por estas virtudes , para retratar da Metropoli do mundo os sentimentos , fez que possa servir a todos de exemplar depois de morto.

Porém como este fim justo , e santo , que moveo ao M. R. P. M. Fr. Mattheus da Incarnação Pinna , se não pôde conseguir , sem o meyo da estampa , parece-me que não só se deve conceder a licença , que supplica , visto não descobrir neste Sermaõ couza alguma que a encontre ; mas tambem he justo se agradeça áquelle Illustrissimo Senado o empenho que tem de interessar com o bem

publico o credito da Religiao.

Este o meu parecer, Vossa Reverendissima mandará o que for servido. Lisboa, Collegio de N. Senhora da Estrella, de Novembro 18. de 1751.

Fr. Joze de S. Miguel.

LICENÇAS. DOS. OFFICIO.

CENSURA D. O. M. R. P. M. Fr. JOZE

Caetano, da Sagrada Religião de N. Senhora do Monte do Carmo, Qualificador do Santo Officio, Lente de Theologia, e nella Doutor pela Universidade de Coimbra.

ILLUSTRISS^{mo}. E REVER^{me}. TRIBUNAL

ESta Oração Funebre, que disse o M. R. P. M. Fr. Mattheus da Incarnação, nas Exequias do sempre amado Serenissimo, e Fidelissimo Rey o Senhor D. João V., he hum dos elogios posthumos, que tocou na empreza de igualar os grandes merecimentos daquelle Rey eterna saudade Portugueza. Foraõ as acções deste magnanimo Monarcha distinctas de quantas respeitaraõ vassallos nos seus Soberanos; porque emprendeo satisfazer ao mesmo tempo os espiritos Reaes do seu genio, e a utilidade publica dos seus povos. Poucos Imperadores contou Roma, que ajuntassem em uniaõ estes dous extremos: antes acho que muitos dos seus Cezares atropellaraõ até os foros mais sagrados dos seus subditos, para satisfazer aos empregos da sua vontade; até para applicar duvidozo medicamento á sua saude algum houve que quiz banhar-se em sangue dos seus innocentes vassallos, sacrificando-se tantas vidas

§§ ii para

para o contingente remedio de huma. Aprendeo Roma do Oriente esta ordem de preferir huma vida ás outras. Foy o Senhor Rey D. João de gloria memoria Rey de seus filhos, ou Pay de seus vassallos, e mereceo aquelle reverencial amor, com que cada hum dos venturozos Portuguezes, vassallos seus, estimava mais qualquer leve satisfação da sua vontade, que as relevantes consequencias da utilidade publica. Filhos se mostráão os Portuguezes, quando o amor filial facilitou ternas expressões de sentimento verdadeiro no primeiro accidente da sua enfermidade, e no ultimo da morte. As nações mais fieis da Europa se admiráão desta nova especie de fidelidade Portugueza, que não só desprezava a vida para defender a dos seus Reys nas guerras, mas tambem as offerencia a Deos como preço da sua vida na enfermidade. Este heroico exercicio do respeito era pequena satisfação á generosa ancia, com que zeloso cuidava o Senhor Rey D. João V. do bem commum de tão leaes vassallos. Que acção houve, que para este fim diffesse respeito, que o seu Real animo não executasse! Agora o deixa ver bem a experiencia, que na sua vida temeo declarar o Author, respeitandolhe a modestia, e o Real desinteresse de ouvir louvores. Os seus sabe compendiosamente resumir o Doutissimo Elogiador seu: e para que entre outros se distinguisse, bastava a singular eleição do argumento, que comprehende sem divisaõ a materia amplissima de assumpto tão vasto. Proprio á preciosidade do Paiz he o artificio primoroso desta obra, que, sem mais exame, se recommenda pelo nome do seu Author bem conhecido. O emprego de Elogiador funebre, de Panegyrista depois da morte, sobre ser arriscado, e difficultozo, pede outra idéa, outras noticias, outro espirito alheyo do officio simplez de Orador, servem enlutadas algumas figuras da Rhetorica, pede sinceridade nas expressões, e huma tal pureza nos discursos, que nem desmintão a verda-

verdade, nem a occultem. Estas leys de hum Elogiador Posthumo fazem difficil o desempenho daquelle officio; talvez por isso haja nesta parte poucos exemplares, ainda que a França nos deo hum sagrado no Illustrissimo Flechier Bispo de Nîmes, e outros. Portugal, que sempre educou engenheiros bem capazes de toda a cultura, e que com a agudeza dos seus discursos assombrárao o mundo, em nenhum outro seculo melhor que neste, em nenhuma outra morte de Reis ensaiou melhor que nesta os seus Rhetoricos para os epicedios; porque se os discursos funebres, dizia o Grande Vieyra, emendigaõ discriçaõ ao sentimento, quando mais vehemente, quando mais verdadeiro, quando mais sincero, do que na perda de hum Rey amabilissimo, de quem a sensivel falta fez discretos Elogiadores seus ainda aos mais rusticos, porque comprehenderaõ todos actualmente a razao do seu pezar, quantos sentiraõ? Sem excessõ de huns a outros vassallos, foy geral, e commua a magoa, porque o interesse na sua vida abrangeo a todos. Os povos da America no Rio de Janeiro, aquelles fieis depositarios da antiga lealdade, e constancia Portugueza, estes que douraõ aos Reis de Portugal o throno, estes que lhe fabricaõ do regio metal a coroa, como renovariaõ aquelle amor reverencial, com que desde os seus mayores se prezaraõ de huma fidelidade incontrastavel! Para testimunho evidente de seu respeito, consagraraõ ás saudozas memorias do Magnanimo, e Fidelissimo Rey as honras funebres, correspondendo o desempenho desse ultimo obsequio áquelle sangue, e espirito tao nobre, que os alenta, como precioso o metal, que lhe fertiliza as veas do seu paiz. Em cada huma das discretas expressoens desta Oraçaõ funebre se perpetua hum saudoso gemido, e hum ecco da eterna saudade. e sabe ser tao fiel interprete destes affectos o Doutissimo Auctor do Panegyrico, que nem os vassallos do Brasil podiaõ sentir menos, nem

o Elogio

o. Elogio funebre explicar melhor. Quanto ref-
pira he erudição, quanto pronuncia he eloquen-
cia: e como os partos, que nascem de hum juizo
sem erro, jamais os pôdem ter contra a Fé, e bons
costumes, superfluo se fazia o exame. Este o meu
parecer. Lisboa. Convento do Carmo aos 17. de
Settembro de 1751.

Fr. José Gaetano de Sousa.

Vista a informação, pôde-se imprimir o Ser-
maõ, que se apresenta, e depois voltará con-
ferido para se dar licença que corra, sem a qual
naõ correrá. Lisboa 28. de Settembro de 1751.

Fr. R. Laneastre. Silva. Abreu. Amarel. Trigozo.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. P. M. DIOGO DA

*Camera da Esclarecida Companhia de
Jesus, e Academico do numero da
Real Academia da Historia.*

EXCELL.^{mo}. E REVERENDISS.^{mo}. SENHOR,

Este papel he huma Oraçãõ Funebre, que o M. R. P. M. D. Fr. Mattheus da Incarnação Pinna, Monge do Esclarecido Patriarcha S. Bento, Ex-Provincial da Provincia do Brasil, e Jubilado na Sagrada Theologia, compôs, e disse nas Exequias celebradas pelo Senado da Camera da Cidade do Rio de Janeiro, ao Fidelissimo Rey o Senhor D. Joaõ o V. de faudoza, e immortal memoria. E posto que, sem mais exame, bastavaõ para a qualificação do Panegyrico os dous nomes, que se lem na fachada: hum tão famoso nas quatro partes do mundo, e tão benemerito da Cabeça delle, Roma, como he, e terá sempre o do Senhor Rey D. Joaõ o V.; outro tão conhecido no mundo novo, e tam benemerito da Ordem Benedictina, e da Arte de bẽm dizer, como he o do P. M. D. Fr. Mattheus da Incarnação: obedecendo com tudo á ordem de V. Excellencia, li com particular advertencia este Sermão, e me parece tão digno de sair logo á luz, como o foraõ os outros do mesmo Author, que correm ainda mais impressos nos annaes da fama, que nas folhas dos livros.

Toda a Oraçãõ Funebre he Panegyrico do seu objecto;

objecto, esta he Panegyrico do seu objecto, e do seu Panegyrista. Do seu objecto; porque se emprega em louvar as virtudes politicas, e Christaas, com que o Fidelissimo Rey D. Joao o V. mereceo accrescentar a Coroa do Reyno de Portugal a que só póde dar o Supremo Senhor dos Reynos, e dos Reys. Louva-lhe esta Oração em primeiro lugar a virtude da Religião tão louvada do Santissimo Padre Benedicto XIV. naquella Practica, em que certificou ao Collegio Cardinalicio, não menos da fatal morte do nosso Rey, que das acçoens heroicas, com que se fez immortal nos fastos da Igreja. Louva-lhe, torno a dizer, aquella Religião, que primeiro lhe mereceo o titulo de Fidelissimo, do qual he appropriasse o Oraculo do Vaticano: aquella Religião, com que estimou mais ser filho da Igreja, que pay da patria: aquella Religião, com que se dispôs a ir a Roma, para render a sua obediencia ao Papa; sendo esta acção tanto mais louvavel, quanto he mais propria dos Reys a soberania de ser obedecidos, que a sujeição de obedecer: aquella Religião, que se não o levou de Portugal para Roma, obrigou-o a trazer Roma para Portugal, erigindo a Santa Igreja de Lisboa tão parecida em tudo á de Roma, que mais parece a mesma, que outra: aquella Religião, que o moveo a soccorrer com armas, e Armadas, não só a Italia, mas tambem a Igreja, livrando do porfiado cerco dos Turcos a celebre Ilha de Corfu, e fazendo que as Quinas Portuguezas triumphassem das Luas Mahometanas: aquella Religião, com que propagava mais a Fé de Christo; que as Conquistas do Reyno; e com que a expensas suas enviava Missionarios para a India tão zelozos de salvar as almas alheyas, como de não perder as proprias: aquella Religião, com que reformou a Musica, e Ceremonias Ecclesiasticas; com que zelou o serviço, e decoro do Culto Divino, e com q̃ diante da Divina Magestade se esquecia totalmente da sua: aquella Religião

igiação finalmente, com que humas vezes fazia lembrar pela imitação, outras esquecer pelo excesso os Clódoveos de França, os Affonsos de Hespanha, os Wenceslaos de Bohemia, os Luitprandos de Lombardia, os Duartes de Inglaterra, e até os Manoeis de Portugal. Louva-lhe também esta Oração as quatro virtudes Cardeaes: a Prudencia, em que venceu, sem romper guerra, aos Filippes por antonomazia Prudentes: a Temperança, que o obrigou a prohibir muitos excessos, principalmente nos vestidos, sendo justo que se estendessem os lutos na morte, de quem tanto cortou pelo luxo das gallas: a Justiça, que o fez para os criminozos severo, para os benemeritos generoso, para os pleiteantes igual, para os Ministros Senhor, para os vassallos Pay, e para todos Rey: a Fortaleza, a quem deveo que o visse sempre com o mesmo semblante assim a fortuna prospera, como a adversa. Louva-lhe a devoção ao Sacramento do Altar, á Mãe de Deos, aos Santos, ás Almas Santas: ao Sacramento, fazendo-o levar mais em triumpho, que em procissão, pelas ruas deste mundo abbreviado, que mais parecem templos, que ruas, com tanta pompa, e magnificencia, que bem mostra a magestade do Rey, que a ordenou, e muito mais a de Deos, a quem se ordena: á Mãe de Deos, tomando-a por Mãe, e Patrona sua, e da sua Academia, fundando-lhe Templos, consagrando-lhe Altares, multiplicando-lhe Festas, e Officios, adorando, e acompanhando as suas Imagens, e até sendo acompanhada dellas: aos Santos, vizitando-os nos seus dias, e nas suas Cazas, festejando com despeza as suas Canonizaçoeds, louvando-os mais com a imitação das suas virtudes, que com a erecção dos seus Templos, pedindo-lhes beneficios ao mesmo tempo, que era bemfeitor delles; pois não só accrescentou Altares aos que já eraõ Santos, mas procurou accrescentar Santos aos Altares: ás Almas finalmente, já mandando-lhes celebrar tantos Sacrificios, e com

§§§

tanta

tanta largueza de esmólas ; que , faltando muitas vezes Sacerdotes para as Missas , nunca faltarão esmólas para os Sacerdotes ; ja impetrando do Summo Pontifice , que em dous de Novembro dissesse tres Missas cada Sacerdote do seu Reyno , trocando deste modo o segundo dia daquelle mez no primeiro , o dos Defuntos no dos Santos , e merecendo por esta acção entrar pela porta do Ceo , aquella grande Alma , que tantas introduzio por ella. Louva-lhe a liberalidade , com que dispendeu immensos thezouros pelos Templos , e pelos pobres ; que tambem são templos de Deos , estimando sempre mais enriquecer os vassallos , que ser rico. Louva-lhe a magnificencia , com que fundou Conventos , edificou Igrejas , fabricou Palacios , traçou Armazens , fortificou Praças , erigio Fabricas , levantou Aqueductos , formou Livrarias , e instituiu Academias ; podendo com razão dizer-se que , se ElRey D. João o IV. restaurou a Portugal o velho , ElRey D. João o V. quazi fundou hum novo Portugal. Louva-lhe a comprehensão das Artes , e das Sciencias bastante até lhe coroar a cabeça com a Laurea de Sabio , se não se anticipara o diadema de Rey. Louva-lhe outras muitas virtudes , que eu não aponto aqui , para que esta , que começou Censura , não continue Panegyrico. E ainda assim não louva todas ; porque se não podia comprehender em tanta estreiteza de tempo , o que se obrou no largo espaço de sessenta annos ; nem resumir em poucas folhas de papel , o que foy bastante a encher livros , e livrarias.

Isto he o que louva , e pondera a presente Oração Funebre , em quanto Panegyrico do Senhor Rey D. João o V. He tambem , como dizia , Panegyrico de seu mesmo Panegyrista ; porque nella se vem perfeitamente praticadas pelo P. M. Fr. Mattheus todas as leys da Oratoria Sagrada : e praticar estas leys , he juntamente louvar ao mesmo Orador , que as pratica. Por onde discretamente adver-

advertio o Principe dos Prégadores , e o Prégador dos Principes , o grande Vieyra , que o Panegyrico de Plinio feito a Trajano , não só he Panegyrico de Trajano , senão também de Plinio. V. Excellencia , que se dignou authorizar com a sua presença , e ouvir a Oração Latina , que eu disse nas Exequias do Senhor Rey D. João o V. , ajunte áquella honra a de ler nesta Censura o modo , com que o P. M. Fr. Mattheus observou na presente Oração as leys da Rhetorica , que eu não toube praticar na minha. E começando por onde a mesma Oração começa ; o Texto della , ou Thema , está também applicado , e tão proprio do intento , que mais parece profecia do que havia de acontecer na morte de ElRey D. João , do que declaração do succedido na do Principe Jonathas. O assumpto he natural , he novo , e he filho das primeiras disposições do exordio. O todo divide-se em partes , para mayor clareza ; mas a divizaõ das partes nada desfaz , antes faz muito para o nexo do todo. O sentimento , que em tão fatal morte partio os corações , reparte-se aqui naturalmente pelos Romanos , e pelos Portuguezes ; mas com tal artificio , que essa mesma repartição o não diminhe , nem nos Portuguezes , nem nos Romanos. As acçoens gloriozas , em que se funda igualmente o discurso da Oração , e o sentimento da morte , refere-as o Orador , e mostra-as (como faz a luz) cada huma , como foy , e todas com lustre. Mas como não havia de ser assim , se o P. M. Fr. Mattheus tem de Evangelista , não menos a verdade , que o nome ? As provas são nascidas para os conceitos , e não os conceitos violentamente ideados , para se lhes accommodarem as provas. O estylo abraça aquellas boas qualidades , que mais facilmente faltão todas , do que se achão juntas : he claro com brevidade , facil com elegancia , forte com suavidade , discreto sem affectação , e copiozo sem redundancia. A linguagem , assim nas palavras , como

DO PAÇO. V.

CENSURA DO M. R. P. M. PEDRO *Correa, da Preclarissima Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri.*

SENHOR:

POr mandado de V. Magestade vi o Sermão, que prégou o P. M. D. Fr. Matheus da Incarnação Pinna, Provincial que foy da Provincia do Brasil, na Esclarecida, e sempre Observante Familia do grande Principe dos Patriarchas S. Bento, nas Exequias, que o Presidente, e Officiaes da Camera do Rio de Janeiro celebráráo á sempre saudoza memoria do Fidelissimo Senhor Rey D. João o V., que Deos haja em gloria. E bem se vê como em todo o sentido são affaniados os engenhos Americanos: o do Auctor bem se mostra por esta Oração, e bem se dá a conhecer o quanto he sublime, e elevado; porque nestes discursos se está vendo a grande literatura, e particular entêdimento com que discorre, com que prova, com que confirma, e com que exorna todos os pensamentos, que levantou a respeito de hum tão alto objecto. Muitas são as Orações Funebres, que neste Reyno se tem feito em obsequio da Magestade defunta, e, entre todas as que me vieraõ á noticia, não acho outra alguma, que exceda esta tam bem feita, e tam bem ordenada Oração, que, sendo recitada no Ultramar, dará agora brado não só neste, mas em todos os mais Reynos da Europa, onde ficará conhecido o Auctor pelo seu

seu grande talento : e não menos será louvada a Camera do Rio de Janeiro pela boa eleição que , fez de hum Orador , que tam bem soube desempenhar huma função de tanto lustre , e de tanto credito. E não havendo nesta Oração cousa alguma , que seja contra os Decretos de V. Magestade , nem contra o bem da Republica , me parece digna da licença , que se pede para se imprimir , se V. Magestade não ordenar o contrario. Lisboa, e Congregação do Oratorio hoje vinte de Outubro de 1751.

Pedro Correa.

Que se possa imprimir , vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario , e depois de impresso , tornará á Mesa para se conferir , e taxar , e dar licença para que corra , e tem isto não correrá. Lisboa 23. de Outubro de 1751.

Almeida. Carvalho. Moura.

Ludi-

2. In the first place, it is necessary to have a clear
idea of the purpose of the study. This is the first
step in the process of research. It is the foundation
upon which the entire study is built. Without a clear
purpose, the study is like a ship without a rudder.
It is impossible to know where one is going or how to
get there. The purpose of the study should be stated
clearly and concisely. It should be a statement of
the problem to be solved or the question to be answered.
It should be a statement of the objective of the study.
It should be a statement of the goal of the study.

THEORY

3. The second step in the process of research is to
gather data. This is the process of collecting
information about the problem or question. It is the
process of gathering the raw materials of the study.
It is the process of gathering the facts of the case.
It is the process of gathering the evidence of the
problem. It is the process of gathering the data
which will be used to solve the problem or answer
the question. It is the process of gathering the
information which will be used to build the theory.

ANALYSIS



Auditum est Romæ, quia defunctus esset Jonathas, & usque in Spartiatas, & contristati sunt valdè.

Ex lib. I. Machab. cap. 14. §. 16.

§. I.

I



EZEJA emmudecer a lingua, e não póde. A mesma pena, que lhe supprime a voz, a faz brotar em queixas, antes que sem desaffogo o coração estalle de sentimento. A ma-

teria, em que esta quasi contradição tem a sua origem, he bem notoria. Oh se pudéra eu escusar-me de a proferir ! Que alentos me não são necessarios para dizer, e a vós tambem para ouvir, que falleceo já, e acabou a vida o Augu-

A flissimo

ssissimo e Serenissimo, Senhor D. Joaõ V. Rey Fidelissimo de Portugal, nosso Senhor, de sempre saudosa lembrança para os seus Vassallos, de sempre gloriosa memoria para os seus Reinos, e de veneração immortal para todos os seus Dominios!

2 Muito Alto, e muito Poderoso Rey, e Senhor nosso. Mais Alto agora, do que em vida, quando exaltado no Throno; porque confidero a V. Magestade Fidelissima já reinante no Ceo. Mais poderoso depois da morte; porque triunfante já por toda a eternidade nesse Reino da Bemaventurança: e gozando nelle da perpetua paz; sem que, para a conservação desta, haja V. Magestade Fidelissima de empregar os desvêlos, com que conseguiu a temporal para nós, em quarenta e quatro annos de seu Reinado na Terra.

3 Aquellas virtudes, que ElRey nosso Senhor (como sabemos) exerceo em vida: aquella resignação, com que por espaço de oito annos sopportou a enfermidade, tão perigosa, e tão penosa, com que Deos, além de o purificar, lhe fazia lembrada a morte: aquelles actos de piedade, com que se dispôs para ella; tão indícios pios, e prudentes, de que se partio desta vida a gozar da eterna. Estas mesmas virtudes, que a ElRey nosso Senhor fazião digno de immortal vida, muito mais o fazem crêdor da nossa pena, ouvida a noticia de sua morte. Entendamos o pensamento além dos Reinos, e Dominios da Corôa de Portugal, pois estamos em

Nas Exequias.

3

em materia, que se não limita. Qual será (dizei-me) a Nação Catholica, que, em causa tão necessaria, com a sua magoa não pertenda igualar a nossa? Fazer exame, e comparação com cada huma dellas, não me permite a presente acção: mas porque a todas supponho comprehendidas na cabeça da Christandade, como em parte superior, e a mais nobre della; ponderay que sentimento não haveria em Roma, quando lá se ouvisse que fallecêra em Portugal o Rey Fidelissimo D. João V. ! Exporey o que nesta parte posso alcançar, com a noticia que me offerece a Sagrada Historia no primeiro livro dos Machabeos.

4 *Auditum est Romæ, quia defunctus esset Jonathas, & usque in Spartiatas, & contristati sunt valdè.* Acabou a vida aquelle memoravel Principe dos Hebrêos, chamado João. No Texto se nomêa Jonathas; porém o Insigne Villarroel me fez advertir que *Jonathas* não he nome diverso de *Joannes*. Ainda que João, e Jonathas pareçam dous nomes bem disparados, ambos vem a dar em hum só nome. Os Expofitores notaõ, que *Joannes* por abbreviação he *Jonas*; e porque (ainda com mais propinquidade) tambem Jonathas abbreviadamente he Jonas: com clareza se deixa vêr que João, e Jonathas, se reduzem a hum só vocabulo. Acabou pois a vida esse Grande João, sempre memoravel Principe da Nação Hebraica. Ou, para mais me conformar com a frase do Sagrado Texto, falleceo o Famoso Jonathas Machabeo,

Villarr. in Ephemerid.
tom. 1. ad diem 7. Januar.
n. 3.

Sacri Interpretes cum A
Lapid. in Matth. c. 16. v. 17.

em quem estava dignamente a suprema regencia do povo de Deos. Ouvio-se em Roma a noticia de sua morte: *Auditum est Romæ, quia defunctus esset Jonathas*. Soube-se em todos os seus Dominios, e finalmente chegou até os Esparciátas esta tão triste noticia: *Et usque in Spartiatas*, e todos se entristecêraõ muito: *Et contristati sunt valdè*. Os Esparciátas (como declara o Sagrado Texto) tambem eraõ povos da Nação Hebraica, que habitavaõ em Região distante da Corte de Jerusaleem; mas na morte de Jonathas, seu Soberano, tanto sentimento houve na Corte, como nos mais remotos, e mais distantes povos, seus nacionaes: *Usque in Spartiatas, & contristati sunt valdè*.

5 Parece-me que está cabalmente exposta a materia indicada na presente acção funebre. Acabou a vida o Augustissimo e Serenissimo Rey de Portugal, D. João V. nosso Senhor: e com que sentimento ouviria em Roma o Santissimo Papa Benedicto XIV. nosso Senhor que era fallecido o seu amado Filho, a quem elle déra o titulo de Rey Fidelissimo? Corra por conta de vossa discrição avaliar a pena, com que o Sacro Collegio, a Nobreza, e Povo Romano desempenhariaõ a cordial veneração, e reverencial amor, que deviaõ tributar a S. Magestade Fidelissima. O sentimento da nossa Corte, e de todo o Reino bem se infere, e se está mostrando da pena tão geral, que cá penetrou os corações de Suas Excellencias, da Nobreza, e moradores desta Cidade, e dos mais Povos de toda

Nas Exequias.

5

da a sua Capitanía , quando por ella soou a triste vóz de noticia tão lamentavel. Se na distancia tanto he o effeito ; na Corte , e nos Reinos, onde a causa estava tão proxima , qual seria !

6 Era ElRey nosso Senhor , com muita distincão , entre os Monarchas da Christandade , o Rey Fidelissimo á Sé Apostolica , e a toda á Igreja. Era igualmente Rey Fidelissimo aos seus Vassallos. Devia ser a sua morte muy sentida em Roma , onde rezide a Cabeça da Igreja. Devia ser muy sentida dos Vassallos nos seus Reinos , e tambem dos que habitamos nestes seus Dominios tão remotos : *Auditum est Romæ , quia defunctus esset Jonathas , & usque in Spartiatis , & contristati sunt valdè.*

§. II.

7 **E**M Roma (Entro a ponderar o seu sentimento : veremos depois quanto deva ser o nosso) foy muy sentida a morte de Jonathas , pela amizade , e aliança , que este Principe tinha com os Romanos. Tanto que a Nação Judaica o exaltou ao Throno do Reino de Judéa , expedio Enviados a Roma , para estabelecer a amizade , que já d'antes se continuava entre huma , e outra Nação : *Elegit viros , & misit eos Romam statuere , & renovare cum eis amicitiam.* I. Machab. c. 12. v. 1. Ambas estavam confederadas , para cada huma dellas ajudar à outra , em qualquer occasião de guerra ; que se lhe movesse : *Si insliterit bellum Romanis prius auxilium feret* C. 8. v. 24. 25 & 26.

feret gens Judeorum. Similiter autem, si genti Judeorum prius acciderit bellum, adjuvabunt Romani. Seria pois estranhavel que, intervindo esta amizade, e mutua aliança entre huma, e outra Nação, não houvesse em Roma grande sentimento, ouvida a noticia de que o Principe Jonathas acabára a vida.

8 Não carecemos de razão mais concludente, para nos certificarmos do grande sentimento, com que Roma recebeo a triste nova da morte de Sua Magestade Fidelissima; pois em toda a Christandade se não reconhecia outro Principe, a quem Roma devesse tanta amizade, e fidelidade. No Papa (sem exceder os precizos limites da materia, que se me offerece) devemos distinguir, e considerar duas razoes, ou duas authoridades. Huma, em tudo primeira, he a de Pay, e Supremo Prelado de toda a Igreja, como Vigario de Christo, e Successor de S. Pedro. Outra he a de Soberano, e Principe de Roma, e das mais terras do Estado Ecclesiastico. Attendendo á primeira razão, e authoridade, todos os Catholicos a respeito de tão veneravel Prelado somos filhos, por isso o nomeamos Papa, que he o mesmo que Pay de muita veneração. Dos filhos para com seus pays não se diz que haja propria, e verdadeira amizade; mas sim filial, e reverencial amor, que ainda he mais qualificada, e mais perfeita amizade. E quem poderá explicar o filial amor, e religiosissima submissão, com que ElRey Fidelissimo respeitava aos Papas, em quanto Vigarios de Christo,

sto, e Supremos Pastores do seu rebanho?

9 Esta virtude da obediencia, e filial amor, andou sempre como hereditaria em os nossos Serenissimos Reys, segundo refere Sua Santidade na Bulla, em que de presente os honorifica com o titulo de Reys Fidelissimos. Porêm he certo que em ElRey D. João V. se deo a conhecer com mais evidentes demonstraçoens; como bem se vio naquelle fortissimo impulso de Piedade, com que Sua Magestade Fidelissima se dispôs a ir pessoalmente a Roma, render a sua obediencia ao Papa: ainda que Deos, porque mais o queria empregado na administração, e governo do seu Reino, lhe estorvou a execução, dando-se por satisfeito dos pios affectos, que lhe via no coração. Desta fonte sahiraõ, ao tempo do primeiro assalto de sua enfermidade mortal, aquellas vivas intimaçoens, feitas por Sua Magestade Fidelissima ao Nuncio Apostolico, da veneração que sempre tivera aos Summos Pontífices. E porque a conservou até á morte; na hora della recommendou muito ao Principe seu Successor, que em toda a vida a observasse.

10 Sentença he de Christo, que cada hum, no que diz com a boca, mostra o que tem no coração; porque os affectos que neste reinaõ, e as paixoens que o predominãõ, sãõ a copiosa fonte de onde emanaõ as palavras, que se proferem: *Ex abundantia enim cordis os loquitur.* Quem não dirá que o mundo está cheyo de exemplos, que persuadem o contrario com evidentes

Luc. 6. 45.

Ext. Machab
c. 12.

Stell. in Cap.
6. Lucv. 45.

evidencia? Oh se pudéra Jonathas referir o que experimentou em Tryphon! Este o tratou com muita honra; encareceo-lhe a sua verdadeira amizade, e segura paz; ajustou restituir-lhe a Cidade de Ptolomaida, na qual entrando Jonathas perdeu a vida, que o mesmo Tryphon falsa, e aleivosamente lhe mandou tirar. E póde verificar-se, que na abundancia do coração tenha sua origem o que se profere com a lingua? Sim: e examinando o Estella a propriedade com que Christo o disse, veyo a descobrir que o Texto se entende só do que cada hum pronuncia nas occasioens de tribulação, e angustia; porque nellas não tem a malicia liberdade para se valer de fingimentos, e dissimulaçoens: *Temporibus angustiae, & tribulationis, qualis unusquisque est loquitur; quia tunc nihil dissimulare, aut fingere potest.* Nenhuma tribulação, nenhuma angustia se compára com a da morte: e quando S. Magestade Fidelissima se considerava mais vizinho a ella, então fazia mais vivas expressoens, e mais efficazes recommendaçoens de obediencia, e filial veneração ao Papa, porque esta lhe abundava no coração: *Ex abundantia cordis os loquitur: temporibus angustiae, & tribulationis &c.*

§. III.

II **P**Assando agora ao zelo, com que S. Magestade Fidelissima soccorria a Nação Romana, (á qual sempre se mostrou afeiçoado)

coado) e auxiliava ao Papa, em quanto Principe temporal, para lhe defender Roma, e as mais terras do Estado Ecclesiastico; não há na Europa Nação que o ignore: porque nella foram notorios, e admirados em todo o mundo, os triunfos, e as victorias, que Sua Magestade Fidelissima com suas armas conseguiu para a Igreja, em duas occasioens, que com ellas soccorreo ao Papa, e defendeo a Italia, estando em evidente risco de ser dominada do Turco, com gravissimo damno da Religiao Catholica, e oppressão da Igreja. O cazo foy, que achando-se este inimigo da Christandade taõ poderoso, como soberbo, conquistado, e reduzido a seu dominio todo o Reino da Morêa, (antigamente Peloponneso) empenhou todas as suas forças, e armas, para tambem exaltar as Luas Otomanas sobre a famoza Ilha de Corfú, chave, e muralha da Italia: e apoderado daquella, tinha por infallivel a conquista, e o dominio desta; e lhe seria facil o estender o seu Imperio, pelo que lhe restava da Europa.

12 Quam formidavel se fez a Roma, e a toda a Italia a invasão dos Barbaros: a consternação, em que se viu o Papa Clemente XI. de veneravel memoria, entaõ Presidente na Igreja de Deos, principalmente reconhecendo os danos, que ameaçavaõ a mesma Igreja, e os perigos a que estava exposta a Religiao Catholica; eu o não poderey expressar. Muy vivamente o dirá a mesma Carta, com que o Santo Pontifice, inspirado por Deos, recorreo a

Sua Magestade Fidelissima, a qual, traduzida do idioma Latino, diz assim.

CLEMENTE PAPA XI.

NOSSO muy amado Filho em Christo. Saude, e benção Apostolica. Do Arcebispo de Laodicéa, nosso Nuncio, ouvirá V. Magestade as nossas angustias, e os nossos perigos: ou, para melhor dizer, ouvirá as angustias, e os perigos da Igreja, e da Religião. Digne-se V. Magestade de attender aos clamores de huma, e outra: nem recuze a oportunidade, que se lhe offerece, de fazer-se Defensor, e Libertador de ambas.

No tempo em que V. Magestade se acha com forças assaz poderosas, e totalmente livres do emprego de outra guerra, tem a Divina Providencia (como bem claramente vemos) rezervado justamente para V. Magestade esta gloria, que ha de fazer sempre memoravel o seu nome nos Annaes da Igreja. Nos quaes com perpetuo louvor da piedade, e valor de V. Magestade ficará registado, que no tempo em que a Igreja se achava horrivemente ameaçada dos inimigos do nome Christão, na mesma Sé do Papa, sua Cabeça viziavel, foy V. Magestade o João mandado por Deos, para defensa da mesma Igreja: Fuit
homo

Nas Exequias:

II

homo missus à Deo, cui nomen erat Joannes. *Por tanto, discorra Vossa Magestade como Deos manifestamente o chama: e como Nós com a mayor efficacia do nosso espirito, lhe rogamos que, para reparo de nossas gravissimas, e extremas necessidades, mande accrescentar a Armada Catholica, com o maior numero de Náos que puder: e não duvidamos que as fará escolher bem capazes de fazer vigorosa opposição a outra formidavel Armada, que os Barbaros preparam para os nossos damnos.*

Sobre tudo, por quanto, segundo as mais certas noticias, que temos, a Armada Otomana tem ordem para com presteza sabir ao mar, anticipando-se á dos Catholicos, para lhes impedir a defesa: Vossa Magestade se agrade de cortar aos nossos inimigos estas medidas, ordenando, sem a minima perda do tempo, que as suas Náos se achem no principio, ou antes do meado de Abril, nos portos de Malta, para se ajuntarem com a nossa Esquadra, e com outras Náos auxiliares; e dahi com a nossa benção, e com a que incessantemente lhe imploramos do Senhor dos Exercitos, sabirem a incorporar-se com a Armada Veneziana, e com esta uniformemente combaterem os inimigos, para que não digão os Barbaros: Onde está o Deos dos Catholicos? Apareça ás mais Nações, para que o vejamos. Nè fortè dicant in gentibus, ubi est Deus eorum? Et innotescat in nationibus coram oculis nostris.

Estas são (*muy amado Filho*) as supplicas , que , depois das precès , solemnemente feitas a Deos neste mesmo dia , e para o mesmo effeito , diante do Sepulchro dos Santos Apóstolos , na Basilica de S. Pedro , fazemos a Vossa Magestade , com a expedição de hum Proprio , acompanhadas das lagrimas , e suspiros , não só da Italia , e do Estado Ecclesiastico , mas tambem (como podemos affirmar com toda a verdade) de todas as Provincias Christaãs : as quaes juntamente conosco , e com os nossos Successores , haõ de mostrar a Vossa Magestade hum tal agradecimento , que possa corresponder á grandeza do beneficio , que esperamos de Vossa Magestade ; e pelo qual , em quanto tivermos vida , não cessaremos de rogar a Deos , queira ser a Vossa Magestade , e a toda sua Real Descendencia , Liberalissimo Remunerador. Com estas representações damos a Vossa Magestade a Benção Apostolica , com toda a plenitude de nosso paternal affecto. Dada em Roma junto a Santa Maria Mayor , aos 18. de Janeiro de 1716. no anno 16. de nosso Pontificado.

13 O effeito desta Carta foy o que se devia esperar da insigne Piedade d' ElRey sempre Fidelissimo. Com isto disse tudo: mas he preciso que vos exponha brevemente o facto; aliás não podereis avaliar o merecimento da acção. Mandou logo apromptar huma Armada , segundo a sua Real Magnanimidade. O numero das

Nãos:

Nãos: o corpo, e fortaleza de qualquer dellas: o valor, e honra de seus Commandantes: o luzimento, e brio da guarnição de todas; davaõ a prezunir que Sua Magestade Fidelissima pertendia triumphar só com o respeito de suas armas, sem que a gloria do vencimento lhe custasse os riscos da peleja. *Exivit vincens ut vinceret.* Apocal. 6. 2.

14 Deos ordenou que nesta occasião assim fosse; porque a Armada Portuguesa não chegou ao tempo consignado pelo Papa, e a Otomana se anticipou muito á dos Catholicos. Com esta oppor-tunidade chegáõ, e desembarcáõ em Corfû: logo fizeraõ os seus atáques, sem rezistencia dos Paizanos, que lha não podiaõ fazer, e sem receyo da Armada Catholica; porque sabiaõ quaes eraõ as forças della, faltando-lhe a esquadra de Portugal. Chegou esta: do que logo foraõ os Turcos avizados pelas Gallés, com que mandaraõ observar quanto se passava por todo o Mar da Grecia, desde Corfû até Malta: e com instantanea resolução se recolhêraõ ás suas Náos, dezamparando os atáques, e pondo-se em retirada.

15 Mais glorioso para as armas de Portugal foy o successo no seguinte anno, que foy o de 1717. Nelle empredeo o Turco tornar sobre Corfû, com huma poderosa Armada, que se compunha de 48. Náos muy potentes. Os Catholicos em outra, que constava só de 25. Náos Venezianas, além das Galés do Papa, do Gran Duque, e Religião de Malta, se resolve-

solverão a buscar a Otomana , e se avistárao nas bocas de Constantinopla , onde se combaterão por espaço de quatro horas : no fim das quaes , porque entrava a noite , as Armadas ambas se retirarao com destroço grande. O da Veneziana foy mayor , além de perder o seu Grande General na peleja. Depois se tornarao a avistar no Archipelago ; e ali por huma , e outra parte se pelejou com mais furor , e mais fogo , por espaço de seis horas : e não durou mais o combate , porque hum vento muy rijo fez se apartassem ambas as Armadas , sem que a victoria se declarasse por alguma dellas. A este tempo chegou a Esquadra de Portugal , e buscando a Armada Catholica , se incorporou nella.

16 A Otomana se recolheo ao seu porto de Caron , no Reino da Moréa , onde se concertou , e se refez ; pôs em terra todos os feridos , e recebeo dous mil Gregos , capazes de pelejar. A Veneziana , defendida da Portugueza , teve por ultimo remedio recolher-se a huma grande Enseada , que há na mesma costa do Reino da Moréa , entre os Cabos de Matapan , e Santo Angelo , onde da sorte possível concertava , e reparava o seu destroço. Porém o nosso valoroso , e prudente General , Conde do Rio Grande , na sua Náo ficou fóra da Enseada , nem permittio que nella entrasse a Náo Fiscal , e ambas cruzayaõ os Mares. De quanto se passava na Enseada se deo noticia a Caron ; e os Turcos , tendo por afronta que em
hum

hum dos seus portos descansadamente se refizessem os Catholicos, e considerando mais, que o lugar, e desprevenção, em que se achavaõ as Náos Venezianas, davaõ toda a oportunidade para se lhes pôr o fogo; sem demora sahiraõ de Caron, e buscaraõ a Enseáda, applaudindo a felicidade infallivel do projecto, que levavaõ.

17 Em huma tarde, ja ao pôr do Sol, foy vista a Armada Otomana, e reconhecida pelo nosso Conde General; cuja actividade, e disposição fez nessa noite aprestar todas as Náos Venezianas, e conduzidas ao reboque, ao amanhecer (com admiração dos Turcos) lhes appareceraõ fóra da Enseáda, em linha de batalha. Na occasião desta se póde affirmar com verdade, que só a Esquadra Portugueza combateo com toda a Armada dos Infeis; porque o destroço da Veneziana a impossibilitava para pelear. Cessou o combate quando faltou o dia: e toda a noite gastaraõ os Portuguezes preparando-se, para o proseguir no seguinte dia; porém nelle se não viraõ Náos do Turco. Descansáraõ os Catholicos, e não cessaraõ de render a Deos as graças, e os agradecimentos ao General Portuguez, e aos seus Officiaes; porque, mediante o seu valor, e as armas de Portugal, foy Deos servido humilhar a soberba dos Infeis, e dar a victória á sua Igreja.

18 De todo o referido se dá noticia em varias Historias do Reynado de Sua Magestade Fidelissima, as quaes se achaõ qualificadas nesta

Constit. = In
Supremo, =
que est ss. hu-
jus Pontificis
in Mag. Bul-
lar.

ta parte, por estarem substancialmente comprehendidas em huma Bulla do Santissimo Padre Clemente XI. expedida para Portugal. Lembrem-vos agora (proseguindo o principal intento do meu discurso) que o Santo Pontifice, por conclusão da sua Carta, protestava a ElRey Fidelissimo com as lagrimas de Roma, e de toda a Igreja, que elle, e os Papas seus Successores, juntamente com todas as terras do Estado Ecclesiastico, e mais Provincias da Italia, dariaõ mostras de agradecimento pelo beneficio, que implorava entãõ. Devemos suppor que, não com menos lagrimas, desempenhou agora Sua Santidade a palavra do seu Predecessor, mostrando em seu sentimento, e de toda Roma, como da mais Italia, na morte de Sua Magestade Fidelissima, hũ final de grato animo ao Rey, que fora o Libertador da Religiaõ Catholica, Defensor da Italia, e da Igreja, quando mais opprimida, e attribulada. Ouvindo-se em Roma que a Sua Magestade Fidelissima dera o primeiro accidente de sua enfermidade mortal, o sentimento chegou a tanto; que Sua Santidade foy pessoalmente á Igreja de Santo Antonio, da Naçaõ Portugueza, supplicar a Deos, e offerecer-lhe o Sacrificio da Missa, que celebrou na mesma Igreja; pela saude, e conservação deste Monarcha. Agora, com a noticia do seu fallecimento, bem se entende que seria muito mayor sem comparação a penna, O tempo, e a distancia ainda nos não permittem individual relação das deploráveis traçoens, com que Roma dêo a conhecer

cer a sua magoa : se bem que , em hum cazo destes , o sentimento mais se deve suppor , que referir ; e antes de toda a noticia , podemos entender que seria sentimento grande ; qual devia corresponder ao seu Fidelissimo Defensor , e Libertador.

19. Morto Jacob , pay de Jozé Vice-Pharaó , houve no Egypto grande sentimento. Com suspiros , e soluços vehementes mostravaõ os Eypcios a sua pena : e por espaço de settenta dias derramáraõ tantas lagrimas , que ao seu Nilo podiaõ occasionar enchente : *Flevitque eum Ægyptus septuaginta diebus*. Os de Canaan se admiráraõ , ouvindo-se lá o clamoroso pranto dos Eypcios : *Quod cum vidissent habitatores terræ Chanaan dixerunt , planctus magnus est Ægyptius*. Todo este sentimento se empregava bem na morte de Jacob , por ser pay de Jozé , que foy o Libertador , e Salvador do Egypto , quando a esterilidade a seus habitadores ameaçava com a morte : *Vocavit eum linguâ Ægyptiacâ Salvatorem mundi*. Noto porê , com o Douto Oleastro , em se não escrever na Sagrada Historia que na morte de Jozé houvesse no Egypto sentimento algum : *Flevit Ægyptus patrem , neque legimus flevisse filium*. Sey que , bem advertido Jozé , estando para fallecer , ordenou a seus irmãos , e a seus filhos , que quando sahissẽ do Egypto , não deixassẽ nelle o seu cadaver : *Asportate ossa mea vobiscum de loco isto* : e a razãõ , dada por S. Joã Chrysostomo , he ; porque previo

Genel. 50. 3

V. 11.

Genel. 41. 45

Oleastro in cap.
50. Genel. an-
notat. ad
mor.

Genel. 50. 24

Ne Egyptii
memores be-
neficiorum
eius, cum pro
more suo, fa-
cile ex homi-
nibus deos ap-
pellent, cor-
pus iusti habe-
rent in impie-
tatis occasio-
nem. D. Chry-
sost. Homil.
67. (quæ est
ultima in Ge-
nes.) ante fi-
nem sed non
prope illum.

o pio, e religioso Principe, que os Egypcios, agradecidos ao beneficio, que d'elle receberam, lhe dariaõ adoraçoens como a Deos: e por lhes evitar a occasiã da Idolatrã, não quiz que o seu corpo lhes ficasse no Egypto, ainda que em alguma sumptuoza Pyramide sepultado. Porém nesta razaõ melhor affenta a que eu tenho, para duvidar.

20 Se os Egypcios reconhecerã a Jozé por seu Libertador, e Salvador: se o amavaõ, e estimavaõ tanto, que se receava o adorassem por divindade; como se não acha memoria alguma de sentimento, que houvesse nelles, pela morte de Jozé? Tanta advertencia para se escrever, tanta individuação em se noticiar o sentimento do Egypto, quando Jacob fallecêo; e tanto silencio do sentimento, que haveria nelle, fallecendo Jozé: sendo que a razaõ, e a obrigação pediaõ que houvessem mayores demonstraçoes de pena por Jozé, que por Jacob? Sim: que sendo tam grande a obrigação, em que Jozé pôs aos Egypcios; sem que se escreva, sem que se refira, se pôde entender muy bem que, morrendo Jozé, houve nos Egypcios grande sentimento. Da mesma sorte no presente, e sempre lamentavel caso. Para entendermos que em Roma, e em toda a Italia, foy grande a pena, excessiva a magoa, com que se ouviu a noticia da morte de Sua Magestade Fidelissima, não he preciso que de lá se escreva, nem carecemos de noticias, que o certifiquem. Basta-nos saber que os Romanos
não

naõ ignoraõ que ElRey Fidelissimo foy o Defensor de Roma, e de toda a Italia, assim como foy o Libertador da Christandade, e da Religiaõ Catholica.

§. IV.

21 **A** Grandeza do sentimento naõ se avalia só pela intensão da pena; mede-se tambem pela duraçaõ della: e justamente nos devemos persuadir que a magoa nos Romanos por este deploravel motivo será grande; porque se fará perpetua. Nenhuma pena acaba de affligir, em quanto na memoria se conserva a occasiaõ della. A lembrança da perda he o incéntivo da magoa. Assim o considerou David: *Super flumina Babylonis illic sedimus, et flevimus, cum recordaremur Sion.* Na morte de Jacob, ainda que foy taõ grande, e geral o sentimento no Egypto, naõ durou mais de setenta dias; porque como no fim destes o déraõ á sepultura, tambem o deixaraõ na terra do esquecimento. Acabou a lembrança de Jacob, e com ella acabou a pena occasionada por sua morte. Pelõ fallecimento de Jozé naõ sabemos quanto tempo choráraõ os Egypcios. Assim como se naõ diz quãto foy o sentimento delles em cazo taõ deploravel, tambem se naõ declara o tempo que durou. Entende-se que este sentimento perseverou quazi cento e quarenta annos; porque em todos elles permaneceo nos Egypcios a memoria de que Jozé fora o seu Salvador,

Pfal. 136. 1.

Ex his quæ
tradit Alap.
in Genes. c.
50 v. 22. et in
Exod. c. 1. v. 8.

Exod. 1. 8.

vador, e Libertador. Depois de tão largos annos teve seu principio a ingratitude dos Egypcios; porque então entrou a reynar nelles o esquecimento dos beneficios de Jozé: *Surrexit interea Rex novus super Ægyptum, qui ignorabat Joseph.* Em Roma pelo contrario: há de ser perpetua a lembrança de que ElRey D. João o V. de Portugal foy o Salvador, e Libertador de Roma, das Terras do Estado Ecclesiastico; e de toda a Italia; porque esta memoria se ha de eternizar nos Annaes da Igreja, como o Santissimo P. Clemente XI. prometteo, e allegou a Sua Magestade Fidelissima.

22 Nelles se achará escrita a elegante, e douda Oração, com que o Nosso Santissimo P. Benedicto XIV. em Consistorio de 21. de Abril do anno de 1749. deo a saber aos Eminentissimos Cardeaes d'elle, que, attendendo aos relevantes merecimentos do Serenissimo Rey de Portugal D. João VI., principalmente por haver sido Libertador de Roma, e de toda a Italia, e o Defensor da Igreja, e da Religião, lhe havia conferido, para si, e seus Successores, o Titulo de Rey Fidelissimo, por huma Bulla expedida ja para Portugal. Esta lembrança tambem se renovará com a repetida noticia, que destas acçoens tão memoraveis faz o Santissimo P. Clemente XI. em varias Bullas, que ja correm com as mais de seu Pontificado. Finalmente, quando nos Annaes Ecclesiasticos se encontrar a Carta deste Veneravel Pontifice, que nesta hora me ouvistes, se despertará a memoria de que, tomando armas

os inimigos do nome Christão, para invadir a mesma Sé Romana, em que o Papa tem o seu Apostolico Throno, houve em Portugal hum Rey, com o nome João, que com sua piedade, e valor defendeo a Igreja. Della constará tambem, que quando os Infiéis, arrogantes contra os Catholicos, lhes pertendiaõ perguntar: *Ubi est Deus eorum*; onde está o Deos dos Catholicos? *Innotescat in nationibus coram oculis nostris*: dê-se-nos a ver, que o queremos conhecer; entãõ lhes respondiaõ todos os Catholicos, pela voz do Papa: *Fuit homo missus à Deo, cui nomen erat Joannes*. Em Portugal temos o Inviçtissimo Rey D. João o V., mandado por Deos, para nos defender, e para vos dar a conhecer que o Senhor dos Exercitos, e das victorias, esse he o nosso Deos.

Psal. 78. 10.

Joan. 1. 6.

23 Esta repetição de acçoens tão gloriozas, assim como nos Romanos ha de perpetuar a memoria de Sua Magestade Fidelissima, assim podemos entender que nelles ha de eternizar o sentimento, em que os pôs a sua morte. Fallecido o Principe Jonathas, lhe fabricaraõ os Machabeos hum magestoso sepulchro rodeado de muy altas, e sumptuozas columnas: sobre as quaes se puzeraõ as armas, com que Jonathas fez tantas proezas, e juntamente se collocáraõ humas Náos tam avultadas, que do mar as vissem os navegantes: e diz o Texto, que com esta industria se pertendia que a memoria de Jonathas fosse eterna entre os Hebreos: *Circumposuit columnas magnas, et super colum-*

*1. Machab. 6.
13. 29.*

nas

Sofipater lib.
I.

nas arma ad memoriam eternam, & juxta arma naves sculptas, quæ viderentur ab omnibus navigantibus mare. Parece que não discorrêraõ os Macabêos acertadamente, porque os sepulchros magnificos se erigiaõ a fim de se enternecerem os coraçoes com a dolorosa magoa dos sepultados: *Propter recordationem doloris*, diz Sozipatro. Alguns lhes chamaõ: *Castrum doloris*; porque em hum sepulchro, como em depozito seguro, e bem defendido, se está conservando o incentivo da magoa da morte, que se encobre nelle. Pois como a Jonathas daõ hum nobre sepulchro, para se eternizar a sua memoria, devendo ser a fim de se eternizar o sentimento, que se lhe devia? O certo he que obráraõ com discricão, e acerto; porque entendêraõ que, para ser eterno o sentimento pela morte deste Principe, bastaria que fosse eterna a memoria das proêzas, que obráraõ as suas armas em defenfa da Nação: *Super columnas arma ad memoriam eternam, et juxta arma naves.*

24 Das batalhas de Jonathas, e do seu valor, sabemos: não consta, porém, que expedisse Armadas. Venho a entender que, no sepulchro deste famoso, e sempre memoravel Principe, se esculpio profeticamente o que em defenfa de Roma, e da Christandade, havia de obrar o Rey Fidelissimo D. João o V. de Portugal. Entenda pois sentida, e lastimada Roma, que nesse antigo sepulchro tem para eterna memoria sua (como prometteo) as armas,

mas, e as Náos, com que Sua Magestade Fidelíssima a defendeo, e a toda a Italia, na mais formidavel invazão dos Turcos: *Super columnas arma ad memoriam eternam, & juxta arma naves*: e terá justamente, com a memoria dessas Náos, e dessas armas, hum incentivo para duração eterna da grande pena, com que deve receber a noticia da morte do Rey, seu Fidelíssimo Defensor, e Libertador: *Auditum est Romæ, quia defunctus esset, contristati sunt valdè.*

§. V.

25 **T**empo he de ouvirmos quam grande deva ser o sentimento da Nação Portugueza, desde a Corte, e seus Reynos, até os mais remotos Dominios da Coroa de Portugal. Mas que intento? Dar a conhecer a pena aos mesmos, que estão penetrados della Reconheço, que quem sente a dor he o que melhor a sabe avaliar; porêm eu não pertendo expor a magoa de cada hum dos Vassallos em particular: fim a de todo o corpo civil de Monarchia tão dilatada.

26 ElRey Nosso Senhor nas futuras idades sempre será o mais perfeito Exemplar para a imitação dos Principes: seja-me porêm licito valer de hum exemplo, com que me faça mais percebido no presente assumpto. Em todo o primeiro Seculo do Romano Imperio, foy Tito Vespasiano o Imperador, que mereceo
mais

mais faudoza memoria , e o que aos Vassallos mais sentimento deixou por sua morte. Vulgarmente o applaudiaõ , e nomeavaõ Delicias da natureza humana , pelas illustres virtudes , de que era ornado ; pelo acerto , e felicidade , com que regèõ o Imperio , e ultimamente pela paz , em que o conservou. Subio ao Throno durando as guerras , que se moveraõ em tempo do Imperador Flavio Vespaziano seu pay ; mas elle , amante da paz , as concluiu brevemente. Ouvi ao Historiador Gravefson. *Præclaris virtutibus ornatus , ita sapienter , et feliciter administravit , ut vulgò humani generis deliciæ nunciretur. Bellum Judaicum ; jam à patre susceptum ; penitus absolvit.*

Gravef. Hist.
Ecclef. part. I.
Colloq. I.

27 Se discorrermos por seis Seculos , que ja acabou de contar a Monarchia de Portugal , concluiremos , (sem aggravo de precedencia taõ longa , como veneravel) que a memoria de Sua Magestade Fidelissima deve ser a mais faudoza , e a mais digna de sentimento ; pelas eximias virtudes , que o constituirãõ Delicias da natureza humana ; pela felicidade , que teve , e prudencia , que mostrou em seu reynado ; e pela paz , em que conservou o Reyno , concluindo para esse fim as guerras , que principiãrãõ reynando seu Pay , o Serenissimo Senhor D. Pedro II. de feliz , e glorioza memoria.

28 Em hum funebre Panegyrico , que o Insigne Cardcal Aguirre fez a Carlos V. , Serenissimo Duque de Lorena , Avô paterno do Augustissimo Imperador reynante , me lembro de
haver

haver lido, que lhe fallou assim: *Vellem ego te dignè laudare, vel postfata, ubi jam mihi nulla adulandi, nec tibi inaniter gloriandi occasio est.* Quizera eu (dizia o Eminentissimo

Aguir. tom 3.
Theol. 5.ª anst.
ante Prolog.

Elogiador) repetir as virtudes, que a Vossa Alteza fizeraõ digno de ser louvado; pois com a sua morte bem se verifica que nem pôde em mim haver adulação, nem em Vossa Alteza entrar a vaidade. A modestia, e soberania d' ElRey Nosso Senhor não permittiaõ que a vaidade o dominasse em vida: a sua morte me faz izento de adulação. Só por justificar o seu merecimento, e a nossa divida, hey de allegar as suas virtudes, igualmente attractivas, e deliciosas, consideradas no estado de virtudes moraes, ou ethicas, ou politicas.

29 Principiando pois pelas virtudes, que ornaõ o entendimento; confessavaõ ingenuamente as Naçoens Extranjeiras que nas Sciencias, e noticias dignas de hum Principe, excedeo Sua Magestade Fidelissima a todos os Monarchas, que conviveraõ com elle. Com razãõ se diz que, sem total (1) comprehensãõ da Geografia, e e Cosmografia, he cega a razãõ de estado. Em ambas foy ElRey nosso Senhor taõ intelligente, que parecia ter na memoria a descripção do Orbe Terraqueo, com a mesma graduacão, e situacão, em que as partes, Reynos, e Dominios d'elle se mostraõ nos mappas mais correctos. Nos principios, e regras elementares da Mathematica, e Astrologia, era taõ bem instruido, que, ouvindo aos Professores, discorria com

(1)
Saaved. Empr.

(2)
Arist. Polit. l.
I.

elles, mostrando intelligencia mayor, da que se adquire nos globos, que servem para instrucção dos Principes. A Historia, como diz Aristoteles, he a que (2) melhor ensina aos Soberanos dictames para o seu governo politico: e della tinha o nosso vasta noticia, e a dava dos Varoens mais insignes, que em Sciencias, Governo, e acçoens heroicas na paz, e na guerra, illustrárao os Seculos. Na Architectura, assim Militar, como Civil, foy taõ perito, que dava cabal noticia das Praças mais bem fortificadas da Europa, notando a regularidade de cada huma dellas, e individuando as particulares circumstancias, que as fazem mais seguras. Apresentando lhe plantas de Templos Magnificos, e Palacios nobres, discernia se no todo, nas partes, e nas suas peças, estavaõ ajustadas ás regras da arte: e distinguia a ordem observada em cada hum dos riscos; conhecendo nestes a ordem Toscana, naquelles a Dorica, em hums a Iconia, em outros a Corinia, e ultimamente a Compozita.

(3)
Sæavedr. Em-
Pr. 4.

(4)
Marian. Hist.
Hisp. l. 14. c.
56

30 As Sciencias mais profundas, e vastas, que se não adquirem sem muyta applicação, e uzo, ordinariamente fazem infeliz o Reynado dos que se entregaõ a ellas, como se vio no de Luiz XI. Rey (3) de França, e no do Sabio Rey D. Alonso. (4) Por esta razão se abstêm os Monarchas de Sciencias, que os podem distrahir do estudo principal, e proprio do seu estado, que só deve ser o de reger com acerto.

Nas Exequias.

27

Turegere imperio populos , Romane, memeto.

Hæ tibi erunt artes. (5)

(5)
Æneid. 6. v.
831.

A esta arte de imperar , e reger chamou S. Gregorio Nazianzeno Arte das Artes : *Mihi videtur ars artium hominem regere.* Com razão ; por ser esta huma Sciencia , que carece de regras , e principios certos. Porém nella mostrou Sua Magestade Fidelissima , por espaço de quarenta e quatro annos , tanta felicidade , e acerto , que na Historia Romana pôde fazer esquecida a memoria de Tito Vespasiano.

Nazian. in A-
polog.

§. VI.

31 **D** Estes dotes do entendimento , com que Sua Magestade Fidelissima fez brilhar mais o ouro do Cetro , passemos ás que mais vulgarmente se nomeão virtudes ; com as quaes ainda o fez mais precioso. Se eu as houvera de ponderar todas,quãdo as concluiria? Mas porque todas as virtudes moraes estão comprehendidas nas quatro , por essa razão chamadas Cardeaes ; fô destas farey memoria , e vireis ao conhecimento das mais.

32 Resplandeceo em ElRey Nosso Senhor a virtude da Prudencia , (que he a pimeira das Cardeaes , na ordem com que dellas tratao os Authores) cujo emprego he examinar (6) o mais acertado , com intento de o escolher , e executar. O governo dos Monarchas se assemelha ao com que hum relogio (7) dispõem o

(6)
Aguir. tom. de
Virtut. et Viti.
disp. II. q. 3.
S. 1.

D ii

tempo,

(7)
Junius Embl.
23.

(8)
Doctores He-
braei apud Vil-
larro. tom. 6.
caut. 4. didasc.
2. n. 5.

tempo, e regula as horas. Os Hebrêos escrevem, que na exaltação de Jehû a Rey de Israel, lhe servio (8) de Throno hum relógio. Ouvem-se as horas deste, e não se percebem os movimentos, que lhes precederao, para se ajustar o tempo de cada huma. Ignora-se quantas vezes se observou o curso do Sol, por se determinar se o do relógio procedia ajustado com o que Deos assignou para regulador dos tempos. Da mesma sorte soao fóra as disposições dos Reys, e se ignoraõ as consultas, que lhes precederao, para que fossem acertadas, e prudentes. Era porêem constante (e os acertos bem o mostravaõ) que Sua Magestade Fidelissima não resolvia negocio grave, sem que o consultasse primeiro, e muytas vezes o conferisse com as Leys da razaõ, e bem publico: e sobre tudo com a primeira regra da razaõ, e Ley eterna, superior a todos os tempos.

35 A virtude da Temperança foy em Sua Magestade Fidelissima tam notoria, como digna de admiração nos Reys. Dizem muytos com discrição, e propriedade, que ElRey Nosso Senhor fora segundo Salamaõ. Respectivamente he assim; nem houve outro Monarcha taõ assemelhado ao primeiro. No zelo do culto Divino, do esplendor, e ornato dos Templos, da observancia dos Ritos, e Ceremonias Ecclesiasticas, foy outro Salamaõ. Na paz do seu Reynado, foy outro Salamaõ. Nas Artes, e noticias, que ornaõ a hum Principe, foy outro Sala-

Salamaõ ; porque nesta parte excedeo a todos os Principes do seu Seculo. Nos thezouros, e riquezas, que possuio, foy outro Salamaõ ; porque em seu Reynado se descobriraõ no Brazil Minas taõ preciozas, que excedem a credulidade. As sommas de ouro trãsportado para Portugal em todas as frotas, põem as Naçoens em espanto. Os diamantes, que tem sahido por esta barra do Rio de Janeyro, e entrãrãõ pela do Tejo, houve anno em que se recolherãõ em sacco na Caza da Moêda de Lisboa. Se apresentarmos com Votabio, Genebrardo, e outros Authores graves, que o celebre Ophir de Salamaõ estava na America, e determinadamente no Brasil, como alguns delles conjecturãrãõ; diremos que desse Ophir foy ouro para Salamaõ ; porẽm que o mesmo Ophir em pezo, com os seus mais importantes, e preciozos thezouros, rezervou Deos para aquelle Rey, que em Portugal havia ser outro Salamaõ.

Vatablus. Genebrardus Sã, et alii epud Pineda de Reb. Salom. lib. 4. cap. 16.

34 Outro digo, e muy outro ; porque abundando em riquezas, como Salamaõ, teve a virtude da Temperança, que a Salamaõ faltou. O mesmo Salamaõ se reprehendo a si : e os Santos Padres, com S. Gregorio Nysseno, muito reprovãõ a vaidade ; a que se entregou este Rey, pela demaziada pompa, com que se tratou, e pelo excessivo luxo, com que se vestio. ElRey Fidelissimo, pelo contrario, possuindo tantas riquezas, sendo magnifico, e liberalissimo, teve a virtude da Temperança taõ prudentemente observada, que nem excedeo, nem faltou ao esplendor

Ecclesiastes 2.

D. Greg. Nyss. apud Velazq. de Opt. Princ. lib. 4. ad not. 19. n. 6

esplendor da Magestade, e cortou pelas rendas de seus Reaes direytos, por cortar o luxo do vestir nos seus povos: sendo elle o que mais grave, e honestamente se trajava. Nem carecia de mais; porque a natureza tão gentilmente o revestio de soberania, que até no aspecto, e bella proporção da figura, indicava a Dignidade Regia, para que foy talhado: *Modestus, animi formâ excellenti erat, ut merito dignitas corporis dignitati Regiæ conveniret*. Como se para a presente occasião o dissera Sulpicio.

Severus Sulpit.
lib. 1. Sacr.
Hist.

35 Agora tinha seu lugar a virtude da Justiça, que na ordem das mais he a terceyra, ainda que nos Reis deve ser a primeira; porque a Justiça he a baze, o fundamento do Real Throno: *Quoniam justitiâ firmatur solium*; diz o Rey Sabio. Esta virtude foy tão conhecida em Sua Magestade Fidelissima, como celebrada entre os seus Vassallos. Não carece de ser encarecida. Para a virtude da Justiça o mayor elogio he o silencio. Ella se dá a conhecer nos seus effeytos: e porque a Paz he o principal effeyto da Justiça; quando discorrermos sobre a Paz, que houve no Reynado de Sua Magestade Fidelissima, então se verá quanta foy nelle a virtude da Justiça. Entretanto fique venerada com o silencio. Pare-ce-me que sigo o dictame de Jzaías: *Et erit opus justitiæ pax, et cultus justitiæ silentium*.

Proverb. 16.
12.

Isai. 32. 17.

36 Ultimamente, foy heroyca em Sua Magestade Fidelissima a virtude da Fortaleza, tão necessaria nos Principes; nos quaes precizamẽ-

te ha de ter esta virtude dous empregos , ou exercicios diversos: hum a respeyto de si mesmos , outro a respeyto dos Vassallos. Em quanto a si, admiravel era a Fortaleza , que ElRey Nosso Senhor mostrou sempre em dominar , e vencer as payxoens , inseparaveis da condição humana tão variavel. Nem as felicidades lhe perturbáráo alguma vez a modestia ; nem as adversidades lhe mudáráo em alguma occasião a soberania. Igual sempre em ambos os rostos da fortuna , que aos Reys , com alternados aspectos se mostra em cada hora : porque em huma dilatada Monarchia , nem póde haver prosperidade em todas as empresas ; nem infelicidade em todos os successos. Em ordem aos Vassallos , se dava a conhecer a virtude da Fortaleza naquella constancia de animo , que tinha Sua Magestade Fidelissima , para rezistir , e se oppôr a tudo o que era máo ; e para solicitar , e augmentar tudo o que era bom. Em seu Reynado fez ElRey Nosso Senhor exterminar males , e vicios tão inveterados , que podiaõ allegar por si a prescripção , e já passavaõ com titulo de divertimento. Não declaro quaes fossem , por não offender o sagrado , nem escandalizar o profano. Conseguiu que a virtude fosse estimada , e os bons favorecidos : por cuja razão , ainda os que o não eraõ , faziaõ por mostrar accidentes de virtude. Não louvo a hypocrizia , antes a condeno , pois Christo a reprovava no Evangelho ; mas pelo que toca á recta intenção , e zelo piissimo de Sua Magestade Fidelissima,

Juxt. Aristot
et D. Thom.
apud Aguir.
de Virt. et Vi-
ti. disp. 6. q. 1.

Matth. c. 6.

lissima, sempre se lucrava a exterior modestia, e se evitava o escandalo, que não he pouco.

37 Rezolvey agora se hum Soberano enriquecido com virtudes tão attractivas, não feria para os seus Vassallos as melhores delicias da natureza humana: *Præclaris virtutibus exornatus, ita sapienter, et feliciter administravit, ut vulgo humani generis deliciae nuncuparetur?* Da vossa resolução, que a supponho já, tiro eu a minha, que he o necessario sentimento da Nação, por morte de hum Rey tão amavel, e tão illustremente dotado pela natureza.

34 Ouvida a noticia da morte de Saul Rey de Israel, chorou David, e não lhe cabendo o sentimento em seu dilatadissimo coração, exhortou a todo o seu exercito que o imitasse nas demonstraçoens da pena. Voltando-se logo para aquelle sexo, em que a ternura he natural, e a compaixão mais facil, lhe dizia assim: *Filiæ Israel super Saul flete, qui vestiebat vos coccino in deliciis.* Choray, e senti a morte de Saul vosso Rey, pois nelle tinheis as vossas melhores delicias. Saul era hum Rey com defeitos graves, porque além da ingratitude, e inveja com que perseguiu a David, mandou tirar impiamente a vida a oitenta e cinco Sacerdotes da Cidade de Nobe: em ódio dos quaes tambem deo a morte a todos os moradores della, sem exceptuar pessoa de qualquer sexo, ou idade. E neste Rey podia achar o povo delicias: *Vestiebat vos coccino in deliciis?*

2. Reg. c. I. v.
24.

Por

Por este Rey haviaõ de chorar : *Super Saul flete* ? Sim, que se bem commetteo Saul ellas injustiças, em que cahio como homem, filho da ira; foy gentilmente dotado pela natureza, e ornado de excellentissimas virtudes: *Saul electus, et bonus, et non erat vir de filiis Israel melior illo*, diz o Texto; e o Abulense expõem: *Nam ipse erat vir in virtutibus excellens, corporis staturâ admirabilis*; e Rey com semelhantes prendas, e tão excellentes virtudes, merecia ser as delicias para os seus vassallos; merecia que a sua morte fosse muy sentida: *Super Saul flete, qui vestiebat vos coccino in deliciis*.

1. Reg. 9. 2.

Abulens. hic.

39 Se neste cazo applicarmos o pensamêto (segundo pede o discurso) a hum Rey, que, além de ser tão Catholico, e tão pio, como o que perdemos, era pela natureza tam liberalmente dotado, e tão raramente ornado de virtudes; sem duvida concluiremos, com muyta magoa, e saudade nossa, que nelle tinhamos as melhores delicias para todo o Reyno: hoje porêm o incentivo mais efficaz para a nossa pena; a qual ainda se fará mais intensa, com a memoria daquella paz, em que Sua Magestade Fidelissima nos conservou tantos annos, para coroar com ella suas heroycas virtudes.

§ VII.

40 **A** Felicidade do Reyno, nesta parte, excede muyto á fama, e ao conceito. Applaudem todos a paz, que teve o Reyno

E

no

no com as Naçoens Estrangeyras; e saõ poucos os que advertem na paz, que Sua Magestade Fidelissima fez haver entre os Nacionaes de seu Reyno. Dos Povos recebem os Reys a jurisdicção, e soberania, obrigando-se a conservá-los em paz: isto he, supprimir o excessso nos Grandes, e Poderozos, para que os pequenos, e humildes vivaõ em socego; e rezistindo á ambição das Naçoens Estrangeyras, para que a propria conserve os dominios, que adquirio. As armas servem de ornato á Magestade, para a conservação da paz com as Potencias: as Leys, bem administradas pela Justiça, armaõ os Reys para a conservação da paz nos seus Povos, como diz Justiniano no Proemio de suas Leys Imperiaes.

41 Esta paz domestica foy tanta no Reynado de Sua Magestade Fidelissima, quanta foy a authoridade, e respeito, que nelle teve a Justiça. Em dous Reynados, que lhe precederaõ depois da Acclamação do Rey nacional, e natural deste Reyno, a Justiça respeitava aos Grandes, e Poderozos: porêm no Reynado de Sua Magestade Fidelissima, os Poderozos, e Grandes respeitavaõ a Justiça. Os tempos o permitiaõ assim naquelles, e assim o requeriaõ neste; porque no primeiro desses Reynados, os Grãdes restituiraõ ao Rey a Coroa, que se lhe usurpou; no segundo offertaraõ o Cetro a quem devia pertencer a regencia: e por estes respetos se via a Justiça com menos liberdade para os Grandes. Exaltado porêm ElRey D. João V.,

V. , como Rey Fidelissimo a seus vassallos , observou tão fielmente o pacto de os conservar em paz civil ; que nem os Grandes faziaõ oppressão aos humildes , nem estes faltavaõ ao respeito dos Illustres : applaudindo todos a equidade desta Justiça , que nasceo , ou renasceo em Portugal , reynando o Salamaõ delle.

42 David , Rey , e Profeta , predisse que para o Reyno de Israel nasceria a Justiça no Reynado de Salamaõ seu filho , em cuja pessoa figurava a Christo , e o seu Reynado em todo o mundo : *Orietur in diebus ejus justitia.* Psal. 71. 7. Logo no Reynado do pay faltou a Justiça em Israel ? Não faltou : (responde David) *Feci* Psal. 118. v. 121. *judicium , et justitiam* , mas era Justiça regulada segundo o tempo , e circumstancias do seu Reynado. Os Grandes puzeraõ a David no throno , e o defenderaõ ; e contra elles não podia ter a Justiça do Rey toda a liberdade. O mesmo David , vizinho á morte , por descargo de sua consciencia , deixou a Salamaõ seu successor hum catalogo dos Grandes , que ficavaõ impunidos , para que executasse nelles o que pedia a Justiça. E porque Salamaõ a podia administrar , livre dos respeitos , que ataraõ as mãos a David , dizia este que no Reynado de Salamaõ nasceria a Justiça para o Reyno de Israel : *Orietur in diebus ejus justitia.* 3. Reg. c. 2.

43 Ja vedes a razaõ , com que venho a concluir , que , reynando Sua Magestade Fidelissima , nasceo em Portugal a Justiça , mas admiravelmente suavizada pela Real Piedade , com

Jacob. 2. 13.

que a mesma Justiça ainda se exaltava mais : *Superexaltat autem misericordia judicium.* O que desta Justiça nasceo, foy, haver no Reyno paz em abundancia : *Orietur in diebus ejus justitia, et abundantia pacis.* Paz entre vassallos, e paz com as Potencias Estrangeyras. Estas assolando-se em guerras por toda a Europa; e só Portugal desfructando a paz, com admiração de todas as Naçoens. A Caza de Austria, e seus Estados hereditarios, os Reynos de França, Castella, Inglaterra, e a Republica de Hollanda, cinco Potencias tão principaes da Europa, com as armas na mão, e só Portugal em paz ! Sim ; pela Prudencia, e Fortaleza do Rey, que tinha. Pela Prudencia, em tratar os negocios do Estado com os Ministros Estrangeyros, residentes na sua Corte. Pela Fortaleza, com que desprezava os perigos, que lhe representavao para o Reyno, cazo que sua Magestade Fidelissima não entrasse em aliança de guerra. E sobre tudo, pela Fé, com que recorria a Deos, a quem fazia celebrar innumeraveis Sacrificios da Missa, pela conservação da paz em seu Reyno.

Josué 13. 1.

44. A Região de Canaan se dividia em cinco Reynos de Filisteos : *Terra Canaan, quæ in quinque Regulos Philisthim dividitur.* Estavao estas cinco Potencias em armas contra Josué ; mas nessa mesma Região estava em paz a caza de Rahab, com toda a sua familia, e parentes. Entrou Josué assolando tudo, excepto o que dizia respeito á caza de Rahab : *Sola Rahab*

Rahab meretrix vivat, cum universis, qui cum eâ in domo sunt. E porque meynos se conservaria Rahab nesta paz? Dizem os Interpretes, com Santo Ambrozio, (e bem se colhe do Texto) que conseguiu Rahab esta paz, pela Prudencia, que teve, em tratar dos interesses de sua caza com os Enviados de Josué; e pela Fortaleza de animo, com que respondeo aos que contra este sustentavaõ a guerra. Sobre tudo, diz S. Paulo que Rahab conseguira esta paz tão unica, e admiravel, pela Fé com que na cauza della recorreu a Deos: *Fide Rahab meretrix non perit, excipiens exploratores cum pace.*

Josué 6. 17.

D. Ambros. in
Mat. 37.

Alleg. in Epist.
Jacob. c. 2. v.
25.

Naver. in Jo-
sué c. 2. v. 4.
sit.

Mulieris pru-
dentia eximia,
et animus pla-
ne masculus.

45 Oh Rey dotado de Prudencia, e de Fortaleza! Oh Rey Pacifico; e por essa razão Rey Fidelissimo para os seus vassallos! Sobre tudo, Rey tambem Fidelissimo para com Deos; porque a este recorria com grande Fé, como quem reconhecia que só Deos podia conservar em paz o seu Reyno, e os seus Dominios. E haverá em toda a Nação Portugueza, desde a Corte até as Conquistas mais remotas, quem deyxer de sentir muyto a perda de tão grande Rey? Não por certo; nem se prezume que Roma nos haja de exceder no sentimento, pelo presente motivo. *Auditum est Romæ, quia defunctus esset Jonathas, et usque in Spartiatas, et contristati sunt valdè.*

§ VIII.

46 **D** Ou por concluida a materia, não do assumpto, mas do thema: e porque será justo offerecer á nossa pena algum allivio; consolemo-nos, entendendo que o nosso memoravel Rey ainda vive; pois não morreo para nós, deixando-nos o Serenissimo, e Fidelissimo Rey D. Jozé o I. de Portugal, por herdeyro, não só de seus Reynos, e Dominios, mas tambem de suas virtudes: *Mortuus est. Pater ejus, et quasi non est mortuus, similem enim reliquit sibi post se.* Consolemo-nos, que se morreo na terra, vive no Ceo. Assim o estaõ indicando aquelles exteriores finaes de contrição interna, com que, recebidos devotamente os Sacramentos, pedio tão humildemente, e recebeo do Nuncio Apostolico, a Benção, e Absolução Papal. Tambem o está dando a presumir assim huma pia conjectura excogitada por S. Bernardo; e vem a ser, (applicada para o presente cazo) que se Deos Piissimo o não houvera de premiar com a sua Gloria, tambem o não escolhera para instrumento de acçoens, que seriaõ de tanto seu agrado, e de tanta honra sua. Apontarey brevemente algumas mais notorias.

47 As acçoens, com que nesta vida mais agradamos a Deos, são as que immediatamente procedem da virtude da Caridade, ou Amor de Deos, por ser esta, como diz S. Paulo, a
 111 2
 mayor

mayor entre as virtudes : *Major est charitas* : e sem a qual , nenhuma obra nossa (ainda que-^{1. ad Corinth. 13. v. 3. et 13.}boa)tem merecimento : *Si charitatem non habuerit, nihil mihi prodest*. Segundo a doutrina do Apostolo S. João , nas esmólas feytas aos pobres mostra cada hum o amor , que tem a Deos : e por^{Epist. 1. Joan. 4. 3. v. 17.}virtude deste amor a Deos se dá , o que se dá aos pobres. Por esta razão , quando Christo em premio da esmóla dér o Ceo , dirá que elle recebeu a esmóla , que se fez ao pobre : *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis*.^{Matth. 25. 40.} E quem poderá reduzir a computo (ainda que grande , e exorbitante) as despesas , que Sua Magestade Fidelissima fazia com os pobres ? Sabe-se que costumava remetter aos Parochos de todo o Reyno graves porçoens de dinheiro , para se distribuir em esmólas ; além de outras muytas , e mais importantes , que na Corte dava , ou mandava a pessoas honestas , e necessitadas.

48 Ninguem ignora , que no anno de 1723 , ateando-se em Lisboa hum contagio , do qual acabárao muytas vidas ; a impulsos de sua ardentissima Caridade , mandou o Rey Fidelissimo assistir a toda a pobreza com dinheiro , e remedios : e recommendou aos seus Medicos o mayor cuidado na cura della. Aos moradores de Campo Mayor reparou o estrago , e ruinas de hum rayo , que cahio na caza da polvora da mesma Praça , no anno de 1732. E também mandou curar a todos os feridos neste dezaestre , enviando-lhes para esse effeito os seus mesmos Cirur-

Cirurgiões, com dinheiro, remedios, e sustento. No anno de 1734, padecendo a Provincia de Além-Tejo huma grave esterilidade, que na Comarca de Beja ainda foy mayor, Sua Magestade Fidelissima a fez nenos sensível, pela providencia com que por muytas vezes remetteo dinheiro, e trigo, para se repartir pelos necessitados. Confio na piedade do Juiz Supremo, que, em remuneração destas esmólas, lhe daria posse daquelle Reyno, que por meyo dellas se póde merecer.

49 Se a Caridade corporal para com o proximo he de tanto agrado, e merecimento para com Deos; quanto lhe será mais meritoria, e agradavel a Caridade espirital, dirigida a tirar as almas da cegueira do Paganismo, e cativoiro da Idolatria, para a luz da Fé, e liberdade da Graça? Nenhum serviço he tão relevante, para se allegar diante de Deos; como o que se emprega a fim de salvar huma alma: *Nihil tam dignum Deo, quam salus hominis*, diz Tertulliano: e quam grande fosse o fervor de Sua Magestade Fidelissima nesta parte, o testificação tantas expedições de Missionarios para Africa, China, Tartarea, e outras Regiões habitadas de Barbaros, sem reparar nas graves despezas, precisas para tão santo fim. Era ardente, e Apostolico o zelo, com que aos Prelados encarregava a conversão do Paganismo: e ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Arcebispo nosso Metropolitano: algumas vezes ouvi repetir que, quando Sua Magestade Fide-

lissima

Tertullia. l. 2.
advert. Marc.
c. 27.

lissima o enviou para a Bahia, lhe fizera muy encarecida recômmendação da doutrina, e Bautifmo dos escravos pagaons, que chegassem da Costa da Mina, dizendo-lhe com lagrimas: *Advirta o Arcebispo, que por essas almas offereceo Christo o mesmo preço, com queremio as nossas.* Sabemos como foy bem acceito a Deos o incenso, que hum Rey offereceo a Christo no Prezepio. E o incenso que vem a fer, senaõ humas lagrimas de certas arvores, que ha na Arabia? Este nome lhe dá Santo Ambrozio, com muyta naturalidade: *Arabiae arboris lacrymas.* Se as lagrimas de huma arvore, offerecidas a Christo, foraõ de tanta estimação para Deos; quanto mais lhe agradariaõ as proprias lagrimas, que derramava este Rey pela conversão das almas!

D. Ambr. l. 3.
Fid. c. 5.

50. Tambem se estendeo a grande Caridade d' ElRey Fidelissimo ás almas, que, ja seguras de sua salvação, ainda satisfazem no Purgatorio o reato de suas culpas; porque em allivio, e beneficio dellas, fez celebrar tantos Sacrificios da Missa, que só na comprehensão Divina tem numero: e da Sé Apostolica impetrou, que no dia da Commemoração de todos os Fieis defuntos possaõ os Sacerdotes de seus Reynos, e Conquistas offerecer a Deos tres Missas pelas mesmas almas. Conseguiu tambem que com a Bulla da Santa Cruzada possa qualquer dos fieis tomar quantas Bullas de defuntos lhe dictar a sua piedade; e he certo

E

que,

Hug. Ether. de
regist. ani. c.
15.

que, por virtude de cada huma dellas, concede Sua Santidade seja livre das penas do Purgatorio aquella alma, por quem a Bulla for applicada. Hugo Etheriano, antigo Padre, escreve de algumas almas do Purgatorio, que aos fieis da Igreja Militante diziaõ: *Vult Deus plenus misericordia, ut in adiutorium nostrum, et proximorum intendatis*. O mesmo Deos (diziaõ as almas) que he cheyo de mizericordia, quer que uzeis de Caridade connosco. Seria pois de especial agrado para Deos a Caridade, que o Fidelissimo Rey teve para com as santas almas, ás quaes estará alleviando das penas até o fim do mundo; pois as prevenio de subsidios, e meyo, que podem perseverar, e continuar, em quanto houver Igreja Militante.

51 Destas acçoens, para Deos de tanto agrado, passemos ás que se dirigiaõ especialmente a culto, e honra do mesmo Deos. Taes foraõ as erecçoens dos Templos, que Sua Magestade Fidelissima fez edificar; a saber: O da Sé do Pará. O da Mãy de Deos, e Santo Antonio em Mafra, com o seu Convento para mais de trezentos Religiozos, dos Reformados de S. Francisco. Em Lisboa o da Incarnação, com o seu Mosteyro das Cômendadeyras da Ordem de S. Bento de Avíz, obra excellente, e muyto melhor que a antiga, consumida em hum fatal incendio no anno de 1734. O do Lourical, com o seu Mosteyro, naõ só fundado, mas tambem dotado liberalmente por Sua Magestade Fidelissima.

delíssima , para Religiozas , que observão a Regra dada por S. Francisco a Santa Clara. Com a devotíssima instituição de nelle haver louvor perenne , que em todo o tempo do dia , e da noite dão as Religiozas a Deos , em presença de Christo Sacramentado , se faz mais pia a intenção de seu Fundadør. Em Lisboa se vê o empenho , com que Sua Magestade Fidelíssima entrou a fazer a Santa Igreja Patriarchal , e nesta Cidade se continua com sumptuoza grandeza a obra da Sé Episcopal. Além destes , outros Templos foraõ por Sua Magestade Fidelíssima edificados : e muytos mais foraõ reparados de ruinas ; não só no Reyno , mas fóra d'elle em Hespanha. Porém eu só fiz menção dos que tem Coro , em que se offerece a Deos o Sacrificio de seu louvor , que he de tanta honra para o mesmo Senhor : *Sacrificium laudis honorificabit me.* Psal. 49. 23.

52 Discorro que Sua Magestade Fidelíssima no Juizo de Deos allegaria assim : Vos , Se-
 Senhor, dissestes : Dai-me o Sacrificio do louvor ,
 e invocay me no dia da tribulação , que eu vos
 livrarey della : *Immolae Deo Sacrificium laudis.* Ibid. v. 14. 86
et invoca me, in die tribulationis eruam te. Fiz o
 que por mim estava : lá vos instituí tantos Coros ,
 em que na terra sois , e sereis louvado , até o fim
 dos seculos. Estou no dia da tribulação. Salvay-me
 por honra vossa , e dezechpenho devossa palavra.

53 Este culto , e honra de Deos ainda
 cresceo mais com a formozura , que Sua Ma-

gestade Fidelíssima solicitou para a Igreja ; e com o ornato , que deo aos Templos. Quanto á formozura ; bem se admira na Santa Igreja Patriarchal , com a grandeza de tantos Prelados , que há nella. Tambem estaõ publicando o mesmo quatro Igrejas Episcopaes , erectas á infancia de Sua Magestade Fidelíssima , e a expensas suas , a saber : a do Pará , a de S. Paulo , a da Cidade Marianna , e a de Villa-Viçosa. Quanto ao ornato dos Templos , quem o não sabe ? Este , em que nos achamos , o diria , mostrando as preziosissimas prendas de hum Custodia , Caliz , e Patena de ouro , para a celebração , e reposição do Sacrificio , e Sacramento do Altar. Calo outros exemplos innumeraveis , assim no Reyno , como fóra delle ; mas não será bem fique em silencio a armação preciozissima , que o nosso Pio , e Religiozo Monarcha enviou para todo o Templo do Santo Sepulchro de Jerusalem : na qual a perfeição , e primor da obra quer exceder a sua muyta preciozidade. Só no panno , com que se cobre em dias solemnes todo o Sacrosanto Sepulchro de Christo Nosso Redemptor , se fez a despeza de vinte e dous mil cruzados. As sagradas vestimentas , para os Sacerdotes , e mais Ministros do Templo , não corresponderiaõ a taõ custoza armação , se na materia , e na obra , a não excedessẽ muito. Em fim , dadas verdadeiramente Regias , e de hum Rey taõ Magnifico , e taõ desvelado em augmentar o culto , honra , e gloria

gloria de Deos na terra. Novo artigo, para Sua Magestade Fidelissima allegar a bem de sua salvação; como David allegou, attendendo especialmente para o Santo Templo de Jerusaleem, que dezejou edificar: *Dilexi decorem domus tue, et locum habitationis gloriæ tuæ*: Psal. 27. 8. 9.
nè perdas cum impiis Deus animam meam.

54 Que direy da veneração, que Sua Magestade Fidelissima teve a Christo Sacramentado, cuja Solemnidade annual celebrava cõ magnificencia, e pompa, inferior sim á Tremenda, e Immenſa Magestade do Altissimo; porẽm a mayor, que se lhe dá na terra? Que direy da sua cordial devoção para com a Mãe de Deos? Nos effeytos se manifesta. Impetrou do Papa Clemente XI., que a Santa Igeja Patriarchal de Lisboa, dedicada a Deos em honra do Apostolo S. Thomê, fosse novo Templo de Maria Santissima, com o titulo de sua Assumpção glorioza. Mandou que todas as Cathedraes de seus Reynos, e Dominios celebrassem com a mayor solemnidade possivel a festa de sua Conceição Immaculada; a qual jurou em prezença de toda a Academia Real; e fez empenhadas, e fervorozas supplicas á Sé Apostolica pela definição deste Mysterio. Que direy da reverencia, que tinha, e fazia se tivesse aos Prelados da Igreja, e a todo o Estado Ecclesiastico? Direy (por concluir tudo) o que diz S. Paulo: *Quid adhuc dicam? Deficiet enim me tempus enarrantem.* Nada digo, porque me falta tempo.

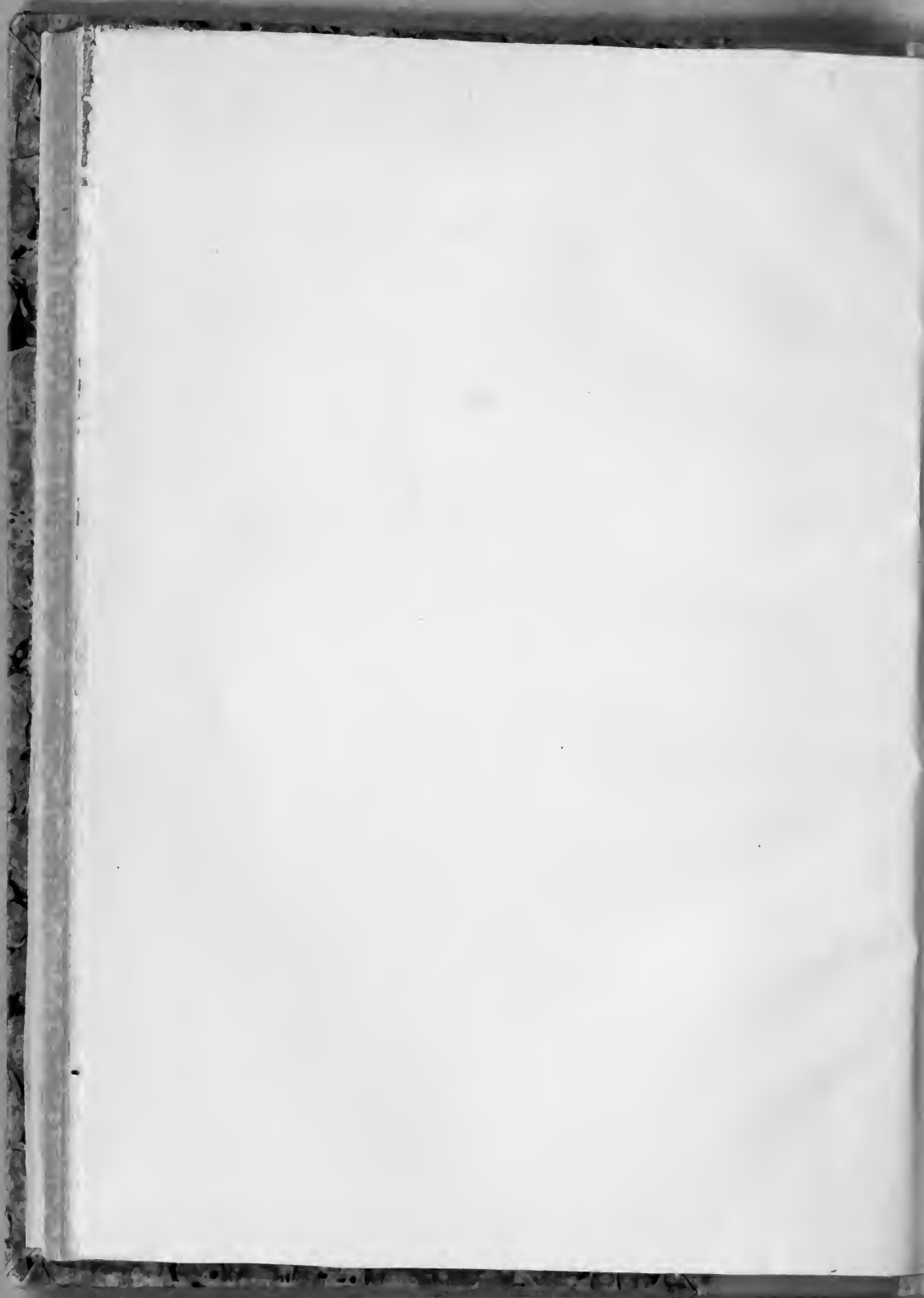
Ex Constitut.
 — In Supre-
 mo, = jam
 supra relata.

Ad Hebr. 10.
 32.

55 O' Deos Piissimo : Vós promettestes dar a Gloria a todo aquelle , que vos der gloria : *Quicumque glorificaverit me , glorificabo eum.* Este Rey Fidelissimo vos glorificou a Vós na terra. Vós , que sois por essencia Fidelissimo em vossas promessas , glorificay-o a elle no Ceo , onde reynais por toda a eternidade.

1. Reg. 2. 30.

F I M.



x1/24 2/3

CA752

P6453

